



### Fundo de Investimento Social Elas

desde 2001, é o único fundo dedicado exclusivamente a promover e fortalecer o protagonismo, a liderança e os direitos das mulheres, mobilizando e investimento recursos em suas iniciativas.

### Rede Nacional Feminista de Saúde Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos

é uma articulação política do movimento feminista e antirracista de abrangência nacional, fundada em 1991. É integrada por organizações não-governamentais, grupos feministas, pesquisadoras e grupos acadêmicos, ativistas do movimento feminista, profissionais de saúde das mulheres, direitos sexuais e direitos reprodutivos.

O trabalho da Rede Feminista envolve ações políticas junto às diferentes instâncias públicas do país visando garantir o acesso e assistência à saúde integral das mulheres.

Coordena a Comissão Intersectorial de Saúde da Mulher do Conselho Nacional de Saúde – CISMU/CNS integra a Comissão Executiva de Monitoramento do Pacto Nacional pela Redução da Mortalidade Materna e Neonatal, tem assento no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, é uma das redes parceiras do projeto Observatório pela Aplicação da Lei Maria da Penha. Integra a Coordenação da Plataforma Brasileira de Direitos Humanos, Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais – Plataforma DhESCA/Brasil e a titularidade da Relatoria Nacional do Direito Humano à Saúde.

Tem assento no Conselho Nacional de Direitos Humanos, Comissão Nacional de Morte Materna e no Comitê Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas – CONATRAP.

A Rede Feminista é co-fundadora e faz parte das Jornadas Brasileiras pelo Aborto Legal e Seguro e da Frente Nacional pelo Fim da Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto é integrante do Consórcio Nacional de Redes e Organizações da Sociedade Civil que monitoram a Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW) no Brasil. É filiada e integra o Consejo Directivo da Red de Salud de las Mujeres Latinoamericanas y del Caribe – RSMMLAC e à Rede Mundial de Mulheres pelos Direitos Reprodutivos.

### Casa da Mulher Catarina

é um grupo feminista autônomo, organizada em 28 de maio de 1989, com atuação voltada à reflexão e ação sobre a condição da mulher e o exercício de sua cidadania. Dedicar-se às áreas da saúde da mulher, dos direitos sexuais, dos direitos reprodutivos, participação política, raça/etnia.





Ah!  
então

SOU  
FEMINISTA





A Rede Nacional Feminista de Saúde Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, a Casa da Mulher Catarina e o Fundo Social ELAS tem o prazer de apresentar-lhes o Almanaque d'Elas. O Almanaque d'Elas é uma proposta editorial que busca divulgar os conceitos e princípios do movimento feminista para a população.

Há algum tempo vínhamos pensando em uma forma de propagar a história, as ideias, as reflexões e as ações do movimento feminista, para que a população pudesse visualizá-las sem a carga de preconceitos tão comuns a nosso respeito. Foi quando fomos selecionadas no XV Concurso de Projetos do Fundo Social ELAS. O projeto incluía uma campanha sobre o movimento feminista visando expor as ideias e propostas de uma forma leve e descontraída. Quando foi definida a linha de intervenção da campanha, propusemos que a Rede participasse com a elaboração de um almanaque. A campanha foi denominada "Ah...então sou feminista!".

A linha editorial do Almanaque segue os princípios da Rede Feminista de Saúde. Tem como objetivos o fortalecimento dos movimentos feminista e de mulheres; o reconhecimento dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos e a defesa das ações integrais da saúde da mulher dentro do Sistema Único de Saúde e nos marcos dos direitos humanos.

Por que um almanaque? De caráter popular, o almanaque é um tipo de publicação bastante marcante na vida do povo brasileiro. Os primeiros almanaques datam do século XVI e permanecem vivos no imaginário das sociedades na atualidade. Em Park (1998, p. 33) encontra-se a seguinte definição de almanaque: (...) "ele não é um manual, ele não é assimilável de forma muito diferente do que é um romance, ele diverte sem se prender à pura fabulação, ele ensina sem ser dogmático, ele não é, de modo algum, artigo de fé, ele obedece a uma grande lei que é, sem dúvida, aquela de toda leitura popular, é prazeroso e é útil (BOLLÈME, 1969)."

Por se tratar de um veículo que utiliza uma linguagem leve, simples e divertida, converte-se no gênero ideal para expressar as ideias do movimento feminista, superando a marca imposta sobre nós de que somos pessoas agressivas, bravas, intransigentes, "mal amadas". Enfim, os estigmas que a sociedade patriarcal insiste em propagar para abafar o sentido libertário de nossa luta.

E é para contribuir com o fim desse estigma que o nosso Almanaque começa, finalmente, a circular. Mesclando informação, divertimento e reflexão, não poderia iniciar sem homenagear a grande intelectual e militante feminista Rose Marie Muraro que faleceu neste ano de 2014. Traz um conjunto de informações, ideias, jogos, carta enigmática, piadas e outras variedades. Entre os temas conceituais constam a história e atualidade do movimento feminista; suas principais bandeiras; a violência de gênero; os direitos sexuais e os direitos reprodutivos; a educação não discriminatória; a participação política das mulheres; visibilidade à luta das mulheres negras e das mulheres lésbicas; a chegada ao terceiro milênio. A leveza da forma não exclui a seriedade do conteúdo.

Com esta primeira edição, procuramos produzir um material perene, sem data ou periodicidade estipulada. Embora, isso não exclua a possibilidade de realização de outras edições.

Bom divertimento! Boa e prazerosa leitura.

*Clair Castilhos*  
Secretária Executiva

**EDITORIAL**



Dedicado a



# Rose Marie Muraro

1930 - 2014

uma das mais importantes  
intelectuais feministas do Brasil

Rose Marie Muraro nasceu no Rio de Janeiro em 11 de novembro de 1930 e nos deixou, em 21 de junho de 2014. Foi uma das mais atuantes e respeitadas entre as intelectuais e militantes feministas do Brasil. Serviu de referência e inspiração para muitas gerações de mulheres que lutam pelas causas libertárias.

Foi escritora e editora, publicou livros polêmicos, contestadores e inovadores dos valores sociais modernos, um dos mais marcantes é *a Sexualidade da mulher brasileira*. Nos anos 70, foi uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil. Nos anos 80, atuava junto à igreja católica na Teologia da Libertação quando a Igreja adotou uma postura mais conservadora e ela passou a ser perseguida pelos seus ideais.

Rose Marie Muraro foi eleita, por nove vezes, *A Mulher do Ano*. Em 1990 e 1999 recebeu da revista *Desfile* o título de *Mulher do Século* e, da União Brasileira de Escritores, o de *Intelectual do Ano*, em 1994.

Sua morte nos deixa órfãs de uma grande referência como mulher e feminista, como uma pessoa de intenso brilho, clareza e sensibilidade.

O seu exemplo nos estimula e anima para a continuidade de nossas lutas, em novos e difíceis momentos, em constantes e decididos avanços e desafios.

***Valeu, Rose Marie!***

# VOCÊ é *feminista* ou sabe o que é **feminismo**



*esclarecendo  
feminismo  
para leigos*



É assustadora a quantidade de gente que não sabe o que é feminismo. Ninguém tem a obrigação de saber, é claro, mas a partir do momento em que você decide opinar sobre um assunto, é de bom tom saber do que se trata. As pessoas são “contra” o feminismo sem sequer saber o que significa.



por

**Clara  
Averbuck**

escritora e feminista  
[claraaverbuck.com.br](http://claraaverbuck.com.br)

É comum escutar frases como:

NÃO SOU FEMINISTA E NEM MACHISTA.

NÃO SOU FEMINISTA, OS HOMENS SÃO MEUS AMIGOS. (ESSA HEGA A CAUSAR AZIA)

NÃO SOU FEMINISTA, ACHO QUE TODOS DEVERIAM SER TRATADOS IGUALMENTE E TER OS MESMOS DIREITOS.

NÃO SOU FEMINISTA e nem MACHISTA, SOU HUMANISTA

NÃO SOU FEMINISTA, SOU FEMININA.

Bom, vamos lá.

Feminismo não prega ódio, feminismo não prega a dominação das mulheres sobre os homens. Feminismo clama por igualdade, pelo fim da dominação de um gênero sobre outro. Feminismo não é o contrário de machismo. Machismo é um sistema de dominação. Feminismo é uma luta por direitos iguais.

Então se você diz "não sou feminista, acho que todos deveriam ser tratados igualmente e ter os mesmos direitos" você está dizendo, exatamente: "não sou feminista, mas sou feminista". E se você se diz humanista, bom, acredito que saiba então que o humanismo é uma filosofia moral baseada na razão humana e na ética, que coloca o ser humano acima do sobrenatural, de deuses, de dogmas religiosos, da pseudociência e das superstições e que não tem nada a ver com o assunto.

Existe essa grande falha lógica que é o sujeito achar que você tem que ser contra uma coisa pra ser a favor de outra; neste caso, "contra" os homens para ser "a favor" das mulheres. O feminismo não luta contra os homens, e sim contra o supracitado sistema de dominação, que, veja só, privilegia os homens e foi criado por... homens. Fica clara a diferença entre lutar contra um sistema e lutar contra todo um gênero? Feminismo não tem nada a ver com deixar de usar batom, salto ou dar de quatro. Feminismo não tem nada a ver com ser inimiga dos homens. Feminismo não tem nada a ver com esconder o corpo; muito pelo contrário, exigimos o direito de

andar com a roupa que bem entendermos sem assédio ou constrangimentos. Tá a Marcha das Vadias que não me deixa mentir. Feminismo não tem nada a ver com morrer solteira de bigode. Feminismo não tem nada a ver com não ter filhos, e sim com a escolha de como e quando esses filhos virão, e se virão. Feminismo não tem nada a ver com não ser feminina. E nem com ser.

Feminismo tem a ver com liberdade, com eu, você, elas e eles podermos todos viver e ser sem ninguém dando pitaco em como devemos nos portar, como devemos nos vestir, o que devemos dizer, do que devemos fazer com nossos corpos.

Outra coisa importante: nem todas as feministas estão de acordo a respeito de todos os tópicos. Cada um constrói seu feminismo. Como disse a Tavi Gevinson, a jovem editora da RookieMag, em uma palestra do TEDxTeen, o feminismo não é um livro de regras, mas uma discussão, uma conversa, um processo. E cada um tem o seu. "Feminismo, caros, não é uma seita que reprime e excomunga quem quebra seus preceitos."

Vale sempre lembrar que o mundo machista também oprime os homens com esse negócio de que eles têm que ser os provedores, que eles têm que ser durões, que não podem chorar, que não podem demonstrar nenhuma característica atribuída ao feminino porque isso é considerado uma fraqueza – já que as mulheres são consideradas mais fracas, logo, inferiores. Gay é "xingamento" porque ser gay é ser um homem mulherzinha. Gente, não dá mais isso em 2015, sabe? Chega de reproduzir conceitos sem sequer parar para pensar neles.

Há um teste simples pra saber se

★ **você é** ★

*feminista*



1. Você concorda que uma mulher deve receber o mesmo valor que um homem para realizar o mesmo trabalho?
2. Você concorda que mulheres devem ter direito a votarem e serem votadas?
3. Você concorda que mulheres devem ser as únicas responsáveis pela escolha da profissão, e que essa decisão não pode ser imposta pelo Estado, pela escola nem pela família?
4. Você concorda que mulheres devem receber a mesma educação escolar que os homens?
5. Você concorda que cuidar das crianças seja uma obrigação de ambos os pais?
6. Você concorda que mulheres devem ter autonomia para gerir seu dinheiro e seus bens?
7. Você concorda que mulheres devem escolher se, e quando, se tornarão mães?
8. Você concorda que uma mulher não pode sofrer violência física ou psicológica por se recusar a fazer sexo ou a obedecer ao pai ou marido?
9. Você concorda que atividades domésticas são de responsabilidade dos moradores da casa, sejam eles homens ou mulheres?
10. Você concorda que mulheres não podem ser espancadas ou mortas por não quererem continuar em um relacionamento afetivo?

Respondeu sim pra tudo? Está confortável na cadeira?

*Você é feminista.* Uau!

Você não precisa ser ativista para ser feminista. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Se você acredita na igualdade de direitos entre homens e mulheres, você é feminista.

As pessoas confundem feminismo com um monte de coisas.  
As pessoas têm medo da palavra feminismo.

Feminismo. Feminista. Feminismo. Feminista.

**FE-MI-NIS-MO.** Feminismo é sobre *liberdade!*

E é difícil ser realmente livre neste mundo.



Ah... então sou  
*feminista!*

# Feministômetro



Teste os seus conhecimentos!

Numere as autoras de acordo com suas obras:

1. Você conhece essas obras das feministas históricas?



1

2

3

4

5

- Flora Tristan
- Alexandra Kollontai
- Nisia Floresta
- Simone de Beauvoir
- Mary Wollstonecraft

2. Você conhece as seguintes obras das feministas brasileiras pós Ano Internacional da Mulher (ONU, 1975)?



1

2

3

4

5

- Rosiska Darcy de Oliveira
- Rose Marie Muraro
- Elisabeth Souza-Lobo
- Heleieth Safiotti
- Branca Moreira Alves

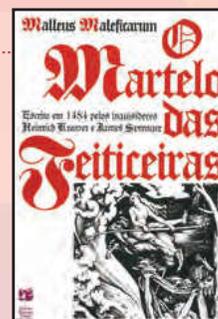
3. Como é o nome de uma heroína feminista de São Paulo que participou do movimento modernista, foi comunista e teve um filho chamado Rudá?

- Anita Malfati
- Patrícia Galvão
- Yolanda Penteado



4. Qual a relação existente entre Mary Wollstonecraft e Frankenstein?

- Escreveu um poema com este nome
- Denominava o patriarcado com este nome
- Sua filha foi a escritora do famoso romance



5. O livro "Malleus maleficarum" (Kramer e Sprenger, 1484), traduzido como "Martelo das Feiticeiras", trata sobre:

- Receitas de filtros e sortilégios para feitiçaria
- Manual de inquisidores para condenar mulheres tidas como hereges
- Práticas e orações para exorcismo

# O anti-feminismo na história

Augusto Buonicore\*

*A mulher é nossa propriedade  
e nós não somos propriedade dela.  
Ela é, pois, propriedade,  
tal qual a árvore frutífera  
é propriedade do jardineiro.*

*Napoleão Bonaparte*



**F**oi entre os povos gregos, particularmente entre os atenienses, que a opressão da mulher adquiriu sua forma mais acabada. Nestas sociedades, mesmo a situação das mulheres das classes dominantes pouco se diferenciavam das dos seus escravos domésticos, pois ambos eram desprovidos de qualquer tipo de direito. Os próprios filósofos gregos tinham clareza desta situação. Platão afirmou: "Se a natureza não tivesse criado as mulheres e os escravos, teria dado ao tear a propriedade de fiar sozinho".

Os espaços sociais dos homens e mulheres eram bem delimitados. Sócrates assim os definiu: "Aos homens a política, às mulheres a casa", sendo a política a função mais nobre de uma sociedade civilizada como a grega. Xenofonte recomendava que a mulher "vivesse sob uma estreita vigilância, visse o menor número de coisas possível, ouvis-

se o menor número de coisas possível e fizesse o menor número de perguntas possível". Estas ideias anti-femininas persistiriam por séculos.

Sobre a mulher ateniense escreveu Engels: "as moças aprendiam apenas a fiar, a tecer, costurar (...). Viviam como que enclausuradas, não possuindo relação com outras mulheres. O gineceu era uma parte distinta da casa, no pavimento superior, ou atrás (...) para onde elas se retiravam quando havia visitas masculinas (...). Em casa eram formalmente vigiadas (...) fora da tarefa de procriar, elas não eram mais do que a serva principal".

Outro socialista, Augusto Bebel, completaria o quadro da tenebrosa situação em que viviam aquelas mulheres de Atenas: "A mulher comparte o leito com o homem, mas não a mesa; não se dirige a ele pelo seu nome, senão chamando-o de senhor, é sua criada. Nunca

podia aparecer em público; pelas ruas ia sempre coberta com um véu (...). Se cometia adultério tinha que pagar, segundo a lei de Solon, com sua vida ou com sua liberdade. O homem podia vendê-la como escrava”.

A situação destas mulheres foi soberbamente descrita na música de Chico Buarque e Ruy Guerra intitulada Mulheres de Atenas.

Diante disso, as mulheres preferiam se prostituir a viver na “escravidão do matrimônio”. Escreveu Engels: “Foi precisamente sobre a base da prostituição que se desenvolveram as únicas personalidades femininas gregas que, pelo estilo e gosto artísticos, são tão superiores ao nível geral do mundo feminino antigo”. Eram as chamadas hetairas.

Demóstenes, orador grego, afirmou: “Nos casamos com a mulher para ter filhos legítimos e uma guardiã fiel de nossas casas” e temos “as hetairas para gozar do amor”. Por isso concluiu Bebel: “A esposa não era mais que um aparelho de parir filhos e um cão fiel que vigiava a casa”. Para os gregos da antiguidade matrimônio e amor não eram uma boa combinação.

Um outro orador assim se manifestou em relação à compra de novas prostitutas pela cidade-Estado de Atenas: “Louvado sejas Sólon! Pois comprastes mulheres públicas para o bem da cidade, para o bem dos costumes de uma cidade cheia de homens jovens e fortes que, sem tua sabia instituição, se entregariam a condenáveis perseguições das mulheres honradas”. A mesma argumentação seria utilizada por políticos e ideólogos das classes dominantes ao longo dos séculos. A prostituição e a família se completavam na sagrada missão de garantir a perpetuação da boa sociedade.

## ○ **cristianismo** e as **mulheres**

Os judeus dos tempos bíblicos já viviam em sociedades patriarcais, nas quais a monogamia exclusivamente feminina imperava soberana. Entre eles a poligamia era aceita apenas para os homens, especialmente os poderosos. Prova disso é o caso de Sara que teve que “oferecer” sua escrava Agar para Abraão. Raquel, por sua vez, deu a Jacó sua escrava Bilha. O objetivo era manter a descendência ameaçada pela suposta esterilidade das esposas. Mas, a poligamia não se aplicaria apenas neste caso, pois se conta que o rei Salomão tinha 700 mulheres e 300 concubinas.

A mulher judia carecia de quaisquer direitos e era comprada e vendida pela própria família. O casamento era

um comércio como outro qualquer. Escreveu Bebel: “Se na noite de núpcias o homem acreditasse que a mulher havia perdido sua virgindade, tinha o direito não só de repudiá-la, mas também de apedrejá-la. Este castigo também caberia à adúltera”. Os adúlteros, é claro, estavam imunes deste tipo de humilhação.

O cristianismo, conforme se expandiu e se tornou religião de Estado, foi aprofundando o anti-feminismo das culturas judaica e greco-romana. São Paulo predicou: “Que a mulher aprenda em silêncio com toda sujeição. Porque não permito à mulher ensinar, nem exercer domínio sobre o homem, senão estar em silêncio”. Em outra passagem diria aos homens “Que vossas mulheres caem nas congregações; por que não lhe é permitido falar (...) E se quiserem aprender algo, perguntem em casa aos seus maridos”.

Na lógica desse cristianismo misógino, que ganhou corpo na Idade Média, a mulher era impura e sedutora. Foi ela que, segundo a Bíblia, havia trazido o pecado ao mundo e arruinado a felicidade humana. A lenda de Adão e Eva sintetizava bem esta visão anti-feminina. Tertuliano exclamava: “Mulher! (...) foi tu que arruinaste o gênero humano. Mulher! Tu és a porta do inferno!”.

São Thomas de Aquino não ficou para trás ao afirmar que “a mulher era uma erva má” e que “nasceu para estar sujeita, eternamente, ao julgo de seu dono e senhor, a quem a natureza destinou o senhorio pela superioridade que há dado ao homem em todos os aspectos”. Santo Agostinho escreveu: “Faz parte da ordem natural, entre os humanos, que as mulheres sejam submissas aos homens (...) Porque, por uma questão de justiça, a razão mais fraca deve submeter-se a mais forte”.

Segundo Roger Garaudy “a Igreja moldou-se, depois de Constantino, no século IV, na forma das estruturas imperiais romanas, que haviam martirizado seu fundador e que se opunham diretamente ao seu espírito, a exclusão da mulher tornou-se cada vez mais acentuada: progressiva obrigação do celibato dos padres e desconfiança sistemática diante da mulher, assimilada, num dualismo platônico, à matéria por oposição ao espírito, em suma, identificada com o pecado”.

O ódio contra as mulheres chegou ao auge nos grandes movimentos de perseguições às bruxas, que ocorreram no final Idade Média e tiveram uma roupagem religiosa – católica ou protestante. Centenas de milhares de mulheres foram presas, torturadas e assassinadas brutal-

mente na Europa e, depois, no Novo Mundo. O simples fato de serem mulheres que se destacavam nas suas comunidades pesou muito sobre o seu trágico destino.

Relacionando a bruxaria e a fisiologia da mulher, escreveu, em 1583, o inquisidor Leonard de Vair: "Mensalmente elas se enchem de elementos supérfluos e o sangue faz exalar vapores que se elevam e passam pela boca, pelas narinas e outros condutos do corpo, lançando feitiços sobre tudo que elas encontram". A figura feminina era associada ao diabo e à bruxaria.

Em 1515, a cidade de Genebra queimou mais de 500 mulheres acusadas de bruxaria. No bispado de Bamberg foram queimadas 500 de uma única vez e no de Wurtzburgo, 900. Os dois últimos localizados na atual Alemanha. Muitas morreram, simplesmente, por defenderem os seus direitos seculares de exercer atividades de parteiras e curandeiras. A "caça às bruxas" foi na verdade uma "guerra santa" contra as próprias mulheres.

O avanço burguês, entre os séculos XIV e XVIII, refletiu negativamente na situação das mulheres. Elas foram oficialmente excluídas de várias profissões, como a medicina e advocacia, e também das universidades. No século XIV foi proibida a sucessão feminina nos tronos. Em 1593 o Parlamento de Paris proibiu as mulheres de exercer funções públicas. O discurso religioso foi sendo completado pelo discurso pseudocientífico dos médicos e filósofos.

## Os liberais e a igualdade da mulher

Os direitos políticos das mulheres constituem, atualmente, uma condição de qualquer democracia moderna – burguesa ou socialista. Hoje nenhum país que recuse o direito de voto às mulheres pode ser considerado democrático. Mas, esta é uma situação relativamente nova – nascida no século XX – e conquistada depois de muitas lutas.

Entre os pensadores iluministas foi Condorcet um dos poucos a abraçar a causa da emancipação política das mulheres. Em 1791 escreveu o solitário "Ensaio sobre a admissão das mulheres na cidade". Era uma exceção à regra, pois o nascente mundo intelectual liberal-burguês não via com bons olhos a proposta de participação política do sexo feminino.

Os revolucionários norte-americanos que elaboraram a famosa "Declaração da Independência" tinham claro sua posição de superioridade sobre as mulheres e preten-

diam conservá-la a qualquer preço. Diante da reivindicação de direitos para mulheres feita por sua própria esposa, o líder independentista John Quincy Adams afirmou: "Estejam certas, nós somos suficientemente lúcidos para não abrir mão do nosso sistema masculino". A jovem república norte-americana havia sido criada para o gozo exclusivo dos homens proprietários e de pele branca.

Na revolução francesa, iniciada em 1789, se repetiria o mesmo fenômeno. A "Declaração dos Direitos dos Homens e dos Cidadãos" pretendia realizar o que efetivamente prometia: "garantir os direitos dos homens" e não os direitos "de homens e mulheres". Os homens ali não eram entendidos, como viria a ser interpretado mais tarde, como "gênero humano" e sim como membros do sexo masculino.

O principal filósofo democrático do século XVIII, e que inspirou a ala radical da Revolução Francesa, foi Jean-Jacques Rousseau. Mesmo para ele ao homem deveria caber o mundo da política (e do trabalho produtivo) e à mulher o restrito espaço do lar. O seu livro *Emílio ou Da educação*, especialmente o capítulo "A idade da sabedoria e do casamento", é paradigmático neste sentido.

Segundo ele, a mulher teria sido criada pela natureza para agradar ao homem e para ser subjugada por ele, pois um era "ativo e forte" e o outro "passivo e fraco". O seu destino era o casamento e a maternidade. Por isso: "a rigidez dos deveres relativos a ambos os sexos não pode ser a mesma. Quando a mulher se queixa a esse respeito da injusta desigualdade que o homem instituiu, ela está errada; tal desigualdade não é uma instituição humana, ou pelo menos não é obra do preconceito, mas da razão".

Já em 1789, após a queda da Bastilha, uma comissão de mulheres levou um manifesto à Assembleia Nacional no qual afirmavam: "Destruíste os preconceitos do passado, mas permitistes que se mantivesse o mais antigo, que exclui dos cargos, das dignidades das honrarias e, sobretudo, de sentar-se entre vós, a metade dos habitantes do reino (...) Destruíste o cetro do despotismo (...) e todos os dias permitis que treze milhões de escravas suportem as cadeias de treze milhões de déspotas". As mulheres começavam lentamente a se rebelar contra a opressão milenar que pesava sobre elas.

A situação em que foram colocadas as mulheres depois da revolução fez com que Olympe de Gouges publicasse, em 1791, a sua "Declaração dos direitos da mulher e da cidadã" – uma resposta feminina aos limites da revolução

francesa que, como a inglesa e norte-americana, não garantiu às mulheres o direito ao voto, ao acesso às funções públicas e nem mesmo o direito pleno à propriedade. As revoluções em curso mais do que burguesas, eram masculinas.

“As mães, as filhas, as irmãs, representantes da nação, reivindicam constituir-se em Assembleia Nacional”, assim se iniciava a “Declaração dos direitos da mulher”, que no seu 10º artigo afirmava “se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, também lhe deve ser dado o direito de subir à tribuna”.

Gouges subiu ao cadafalso e foi guilhotinada em novembro de 1793. Escreveu o jornal *Le Moniteur*: “Ela desejou ser um homem de Estado, e parece que a lei puniu esta conspiradora por ter esquecido as virtudes que convêm ao seu sexo.” A sua morte, no entanto, se deve mais a razões de ordem política imediata. Ela havia defendido teses que iam contra o poder revolucionário, dirigido pelos jacobinos. Por exemplo, advogou a necessidade de um plebiscito para que os franceses decidissem se desejavam a República ou a Monarquia. Posicionou-se contra a pena de morte, mesmo para a família real, e ficou ao lado dos girondinos que começavam a ser proscritos. Mulher de língua ferina chamou Robespierre de “animal anfíbio” e Marat de “aborto da humanidade”.

O terror revolucionário recrudescer após o assassinato de Marat, um dos mais populares propagandistas revolucionários. A sua assassina foi justamente uma mulher, a jovem girondina Charlotte Corday. O ódio contra as mulheres girondinas tomou conta das massas populares. A feminista Théroigne de Méricourt foi atacada na rua – despida e apedrejada – e acabou enlouquecendo e, anos depois, morreu esquecida num asilo de alienados.

Logo após a execução de Olympe de Gouges todos os clubes políticos femininos foram fechados. O revolucionário Chaumette ao propor a lei que proibia os clubes afirmou: “A Natureza disse à mulher: seja mulher! Os ternos cuidados para com a infância, as doces inquietudes da maternidade, eis aí teu trabalho”. Assim, a revolução popular minava as suas próprias bases sociais.

Robespierre e os jacobinos foram derrubados em 1794. Ao terror vermelho seguiu-se o terror branco. O líder jacobino e cerca de cem de seus seguidores foram imediatamente degolados sem julgamento. As mulheres francesas, rapidamente, sentiriam este revés da revolução.

Em 1795 um decreto determinou que: “todas as

mulheres se retirarão, até ordem contrária, a seus respectivos domicílios. Aquelas que, uma hora após a publicação do presente decreto, estiver nas ruas agrupadas em número maior que cinco, serão dispersas por força das armas e presas até que a tranquilidade pública retorne à Paris.” A nova Convenção anti-jacobina proibiu as mulheres de assistir suas reuniões, a menos que estivessem acompanhadas de um homem.

A consolidação da derrota das mulheres se deu com a aprovação dos Códigos Civil e Penal, aprovados respectivamente em 1804 e 1808, já sob o governo de Napoleão Bonaparte. Neles se restabelecia o princípio de que “a mulher deve obediência ao homem”. O marido passava a ter legalmente, entre outras coisas, o direito de exigir que os Correios entregassem a ele todas as cartas endereçadas a esposa, de dispor livremente do seu salário – muitos receberiam os salários pelas esposas. Para tudo a mulher necessitava da autorização do pai ou do marido.

Segundo o “código napoleônico”, a mulher adúltera poderia ser condenada de três meses até dois anos de prisão. O adúltero, pelo contrário, deveria pagar apenas uma pequena multa. Um dos seus redatores justificou tal disparidade: “A infidelidade da mulher supõe mais corrupção e tem o efeito mais perigoso que aquela do marido” e Engels, por sua vez, ridicularizou o artigo do código que decretava solenemente que “a criança concebida durante o casamento terá por pai sempre o marido” e concluiu irônico: “Eis aí o último resultado de três mil anos de monogamia.”

Seriam precisos ainda mais de 100 anos de lutas encarniçadas para que as mulheres pudessem, finalmente, usufruir de direitos políticos e civis iguais aos homens. É isso que começaremos tratar no próximo artigo.

## Bibliografia

- ALAMBERT, Zuleika. *Feminismo: o ponto de vista marxista*, Ed. Nobel, S.P., 1986.  
ALBISTUR, Maité e Armogathe. *Histoire du féminisme français*, Éditions des femmes, Paris, 1977.  
ÁLVARES, José Gutiérrez. *Mulheres Socialistas*, Editorial Hacer, Barcelona, 1986.  
ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*, Ed. Brasiliense, 1981.  
BEBEL, August. *La mujer y el socialismo*, Akal editor, Espanha, 1977.  
ENGELS, F. *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, Ed. Civilização Brasileira, RJ, 1974.  
GARAUDY, Roger. *Liberção da mulher. Liberção humana*, Ed. Zahar, RJ, 1982.  
RABAUT, Jean. *Histoire des féminismes français – Éditions Stock*, Paris, 1978.  
SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classe: Mito e realidade*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1976.  
SULLEROT, Evelyne. *Historia y sociología del trabajo femenino*, Ediciones Península, Barcelona, 1970.



**Augusto Buonicore** é historiador, Mestre em Ciência Política pela Unicamp.

# Reza para espantar bruxas e mau agouro

Originária dos açorianos que colonizaram a Ilha de Santa Catarina

Pela cruz de São Saimão  
que te benzo com a vela benta  
na sexta-feira da paixão  
treze raios tem o sol  
treze raios tem a lua  
salta demônio pro inferno  
que esta alma não é tua

Tosca marosca rabo de rosca  
agulhão nos teus pés  
e relho na tua bunda  
por cima do silvado  
e por baixo do telhado  
São Pedro São Paulo  
São Frontista  
dentro de casa São João Batista

Bruxa latarabruxa  
tu não entres nesta casa  
nem nesta comarca toda  
por todos os santos dos santos

Amém



# Páginas da História



**LUTAS  
★ POR ★  
DIREITOS  
CIVIS**

## 1. Qual a feminista revolucionária e heroína que fez a seguinte declaração e pagou com a própria vida?

*A mulher nasce livre e é igual ao homem perante a lei. A mulher tem o direito de subir ao cadafalso (...) deve ter igualmente o de subir à tribuna.*

- Olympe de Gouges
- Louise Michel
- Marie Deraisme

## 2. Conhecida declaração proferida pela esposa de um dos presidentes dos Estados Unidos da América:

*Como anseio ouvir que você declarou uma independência. E, a propósito, no novo código de leis que, suponho, será necessário que você faça, desejo que se lembre das senhoras e seja mais generoso e favorável a elas do que seus ancestrais.(...) Se cuidado e atenção particular não for paga às senhoras, estamos destinadas a fomentar uma rebelião, e não nos submeteremos a quaisquer leis nas quais não tenhamos voz ou representação.*

- Martha Washington
- Abigail Adams
- Mary T. Lincoln

## 3. Em qual Assembleia Nacional Constituinte do Brasil ocorreu o seguinte debate sobre o voto feminino:

**Pronunciamento do deputado Pedro Américo:**

*A maioria do Congresso Constituinte, apesar da brilhante e vigorosa dialética exibida em prol da mulher-votante, não quis a responsabilidade de arrastar para o turbilhão das paixões políticas a parte serena e angélica do gênero humano.*

**Pronunciamento do deputado Coelho Campos:**

*É assunto de que não cogito; o que afirmo é que minha mulher não irá votar.*

- Assembleia Nacional Constituinte de 1824
- Assembleia Nacional Constituinte de 1891
- Assembleia Nacional Constituinte de 1934



**Por estas e outras o Brasil deixou de ser o primeiro país do mundo a conceder o direito do voto à mulher.**

Finalmente, depois de muita luta e mobilização, que durou mais de cem anos, aqui no Brasil, em 24 de fevereiro de 1932 as mulheres conquistam o voto feminino. Era uma das mais importantes bandeiras das mulheres. O "movimento sufragista", liderado por Bertha Lutz, obteve em 1932 o voto, e em 1934 foi reconhecido pela Constituição. Bertha Lutz fundou a Federação Brasileira das Ligas para o Progresso Feminino, levantando muitas lutas com as mulheres.



Em 13 de Fevereiro de 1892 nasceu Carlota Pereira de Queiroz, que vai tornar-se uma das primeiras médicas brasileiras e a primeira constituinte, eleita em 1934. Nesta Constituinte, defendeu os direitos da mulher e da criança. Morreu em 17 de Abril de 1982, tendo sido ainda a primeira presidenta da Associação Brasileira de Mulheres Médicas.

# VOCE SABIA?



## TRAJETÓRIA E ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS

As mulheres negras desde sempre exerceram papel fundamental para o processo de libertação e organização da população negra brasileira. Temos como referência histórica a participação ativa das mulheres negras desde sempre. Como líderes em alguns quilombos, em Palmares de 1595 a 1695, Alagoas, Acaíne, Dandara, Aqualtune, no século XVIII no Mato Grosso o Quilombo de Quariterê, comandado por Tereza do Quariterê e no Pará o Quilombo de Alcobaça no século XIX, sob o comando de Felipa Maria Aranha. São as mulheres negras as primeiras trabalhadoras no mercado de trabalho informal, além da própria sobrevivência, garantiram, com seu trabalho, a compra da liberdade de outros escravos como quitadeiras, diaristas, cozinheiras, lavadeiras, aguadeiras, bem como a manutenção da sociedade local.

As mulheres negras se organizam e se fortalecem através da sua espiritualidade, na fundação e na organização das casas religiosas, conhecidas como terreiros e das Irmandades Negras, tendo como a mais expressiva a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. O processo de organização das mulheres negras é incessante e atemporal, por vezes estamos silenciosas, porém pensantes em como dar o próximo passo para alcançar nossos objetivos sem perder o que já conquistamos. Na década de setenta teve início o movimento das Donas de Casa – painéis e articulação partidária – grupos de mulheres de partidos por grupos feministas, fundação do Movimento Negro Unificado MNU, começando assim, o enfrentamento político ao racismo.

No Brasil **somos a MAIORIA** da população, do eleitorado, nas universidades, mas quando se trata de poder, ainda somos a grande **MINORIA!**

O primeiro Encontro Nacional de Mulheres Negras ocorreu na cidade de Valença/RJ, em 1988, coordenado por Lélia Gonzáles e Wania S'Antana. Em Santa Catarina, no final da década de 80, foi fundado o Grupo de Mulheres Negras Cor de Nação, com objetivo de combater o racismo, o machismo e a toda e qualquer forma de discriminação, articulando-se com outras entidades de mulheres negras pelo país e construindo o II Encontro Nacional de Mulheres Negras, realizado em 1991, na cidade de Salvador, tirando como diretrizes: o empoderamento das mulheres negras, fortalecimento da campanha contra o extermínio de jovens negros e a participação política nos espaços de decisão e poder.

No ano de 1998 vários grupos de mulheres negras reunidas em Salvador discutiram como incidir nas políticas públicas e no fortalecimento das organizações de mulheres negras e visibilidade destas entidades, surgindo assim, a Articulação Nacional de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB). Em 2001, algumas mulheres optaram por sair da AMNB e fundaram o Fórum Nacional de Mulheres Negras, passando a se articular com as instâncias decisórias de poder, seja local, regional ou nacional. São estas duas grandes organizações nacionais, formadas por entidades de mulheres negras de todo Brasil, que atualmente representam as mulheres negras brasileiras e construíram a "Marcha das Mulheres Negras a Brasília 2015 – Contra o Racismo e a Violência e Pelo Bem Viver".



Franziska Becker – Último Aviso – autorizado por Barricada/Boitempo Editorial



## Igualdade com equidade depende necessariamente

- ✓ Da inclusão de mulheres lésbicas, jovens, prostitutas, negras, agricultoras, parteiras tradicionais, indígenas, quilombolas, trabalhadoras rurais sem terra, entre outras
- ✓ Da superação da desigualdade de gênero nos direitos civis e políticos
- ✓ Da autonomia das mulheres na sexualidade e na reprodução
- ✓ Da segurança e do enfrentamento da violência de gênero
- ✓ Da redução da pobreza e do acesso ao trabalho
- ✓ Da inclusão das mulheres na política.

O grande desafio consiste em fazer valer os direitos e inserir as mulheres em todos os contextos da sociedade, pois estas demandas ocorrem em um mundo globalizado, complexo, diversificado, multicultural, multirracial, desigual, com inaceitável polarização internacional e de classes.



**POR + MULHERES NA POLÍTICA**

### NO CONGRESSO

**70% SÃO FAZENDEIROS E EMPRESÁRIOS**  
e a maioria da população é trabalhadora e camponesa

**9% SÃO MULHERES**  
e elas são mais da metade da população brasileira

**8,5% SÃO NEGROS**  
e mais da metade da população brasileira é negra

**3% SÃO JOVENS**  
e os jovens são quase metade do eleitorado brasileiro



## JANEIRO

- 1 Silvana Veríssimo  
Eline Jonas  
Lucia Xavier
- 2 Maria Teresa Augusti
- 6 Elenira Vilela
- 7 Margarida Pinheiro  
Carmen Fusco
- 8 Lucia Rincon
- 10 Angelita Toledo
- 11 Mareli Eliane Graupe  
Cristina Scheibe Wolff
- 12 Edna Roland
- 14 Aparecida Gonçalves  
Carmen Lucia Luiz
- 17 Elaine Galvão
- 18 Maria Inês Pagano Gasperini
- 20 Ana Carolina Franzon
- 23 Iara Branco D'Avila
- 25 Mirtes V.Piovezan
- 26 Nilza Iraci
- 27 Claudia Bonan
- 28 Karen Lucia  
Nazaré Cavalcanti
- 29 Márcia Laranjeira
- 30 Elcyene Leocadio
- 31 Lícia Peres

## FEVEREIRO

- 1 Gilda Cabral  
Eliane Kalmus  
Karla Galvão Adrião
- 2 **Dia de Iemanjá**
- 4 Elza Campos
- 5 Elizabeth Saar
- 7 Ana Maria Sokacheski  
Patrícia Alves de Souza
- 9 Valéria Carvalho
- 11 Fafá Capela
- 12 Lourdinha Antonioli
- 16 Silvana Pereira  
Rurany Ester Silva
- 18 Rubia Abs
- 20 Suzanne Serruya
- 21 Margareth Arilha  
Olga Regina Zigelli Garcia
- 22 Debora Diniz  
Kelly Vieira Meira
- 24 **Dia da conquista do voto feminino no Brasil**
- 26 Júnia Puglia

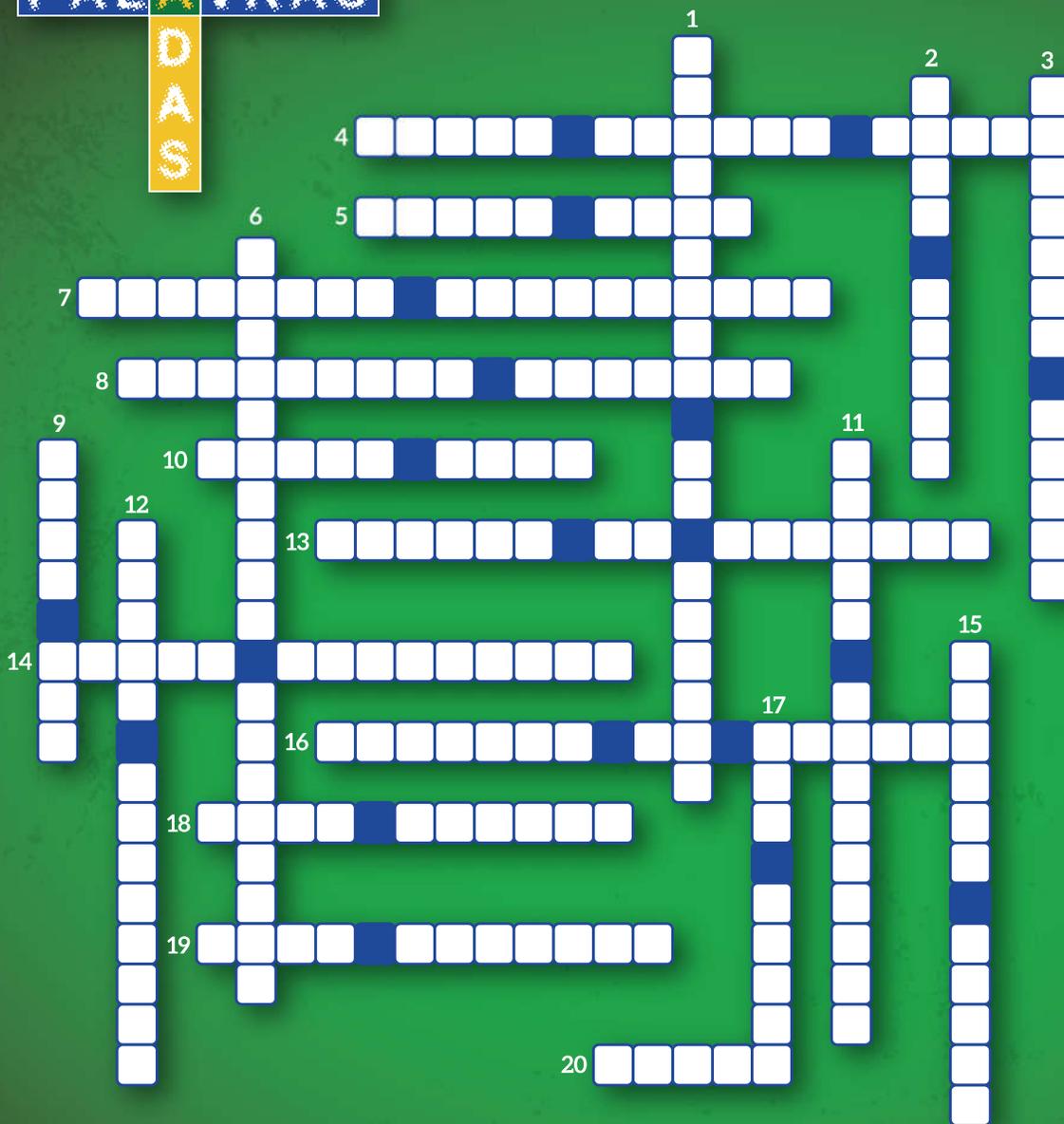
# Brasileiras em destaque



C  
R  
U  
Z

PALAVRAS

D  
A  
S



## VERTICAL

1. Primeira deputada estadual de Santa Catarina, negra, professora e intelectual.
2. Estilista e costureira mineira que teve um filho torturado e morto pela ditadura militar
3. Compositora carioca autora da famosa música "A noite do meu bem", cantora e compositora, grande expoente do samba-canção, surgido na década de 1930.
6. Presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher que coordenou a campanha "Carta aos Constituintes".
9. Compositora, roqueira, brilhante, irreverente autora de uma música com o seguinte verso (...) "mulher é bicho esquisito, todo mês sangra".(...)
11. Catarinense, guerreira heroica lutou no Brasil e na Itália. É conhecida como a "heroína de dois mundos".
12. Militante, ativista, intelectual, Doutora em Educação, fundadora e diretora do Geledés – Instituto da Mulher Negra.
15. Escritora, autora de vários livros premiados, nacional e internacionalmente, primeira mulher a presidir da Academia Brasileira de Letras.
17. Médica, feminista, ativista política, militante do movimento sanitário, atual presidenta do Centro Brasileiros de Estudos da Saúde – CEBES uma das responsáveis pela implantação e formulação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher – PAISM.

## HORIZONTAL

4. Tenista brasileira várias vezes campeã em Wimbledon.
5. Foi a primeira e principal nadadora brasileira a estabelecer um recorde mundial sendo a única mulher do país a ser introduzida no Swimming Hall of Fame, em Fort Lauderdale, Flórida.
7. Maior atriz brasileira de teatro, cinema e televisão. Entre seus inúmeros trabalhos destaca-se o filme "Central do Brasil"
8. Maestrina, pianista, compositora, abolicionista, carioca nascida no século XIX que compôs a primeira música de carnaval.
10. Cientista, líder feminista e política paulista (1894–1976). É uma das pioneiras da luta pelo voto feminino e pela igualdade de direitos entre homens e mulheres no país. Fundadora da Federação Brasileira para o Progresso Feminino.
13. Primeira escritora eleita para a Academia Brasileira de Letras.
14. Antropóloga, educadora e feminista mineira, aprendeu que, na luta dos movimentos sociais, também existem castas e hierarquias. Uma das principais ativista e formuladoras das lutas sobre as questões específicas das mulheres negras. Faleceu, precocemente, aos 59 anos.
16. Pintora e desenhista brasileira. O quadro "Abaporu" (que significa antropófago em tupi) foi pintado em 1928 e é sua obra mais conhecida. O Movimento Antropofágico foi inspirado nesse quadro.
18. Médica, feminista, baiana, implantou o primeiro serviço de aborto legal em São Paulo e a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher – PNAISM
19. Primeira presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, atriz, diretora e produtora teatral, deputada estadual em São Paulo.
20. Jogadora de futebol brasileira, várias vezes considerada a melhor do mundo.



## 8 de Março Dia Internacional da Mulher

Em 1945, a Organização das Nações Unidas (ONU) assinou o primeiro acordo internacional que buscava princípios de igualdade entre homens e mulheres. No início da década de 60, o movimento feminista ganhou força e, em 1975, a data "8 de março" foi oficialmente reconhecida pela ONU, como o Dia Internacional da Mulher e a década 75-85, como a Década da Mulher.

A data é um símbolo das conquistas sociais, políticas e econômicas das mulheres. É o resultado de lutas heroicas das mulheres em busca de sua libertação. Deve ser visto, ainda, como um dia de mobilização contra as discriminações e violências ainda presentes nos tempos atuais. É um dia para denunciar e impedir o retrocesso de direitos já alcançados.

A ideia de criar um dia dedicado às mulheres já existia desde o final do século XIX, quando organizações femininas, oriundas de movimentos operários protestavam e faziam greves frequentemente, em vários países da Europa e nos Estados Unidos. As reivindicações eram relacionadas à redução nas jornadas de trabalho, aos baixos salários e ao fim do trabalho infantil, comum nas fábricas da época. Acredita-se que a data - 8 de março - teria surgido a partir de um incêndio criminoso em uma fábrica têxtil de Nova York em 1911, quando cerca de 130 operárias morreram carbonizadas. Mas, na verdade, este incidente ocorreu em 25 de março daquele ano e, os eventos que levaram à criação da data são bem anteriores a este acontecimento.

### Confira outros marcos importantes que levaram à criação do Dia Internacional da Mulher

**1907** Em Stuttgart, é realizada a 1ª Conferência da Internacional Socialista com a presença de Clara Zetkin, Rosa Luxemburgo e Alexandra Kollontai. Uma das principais resoluções: "Todas as partidos socialistas do mundo devem lutar pelo sufrágio feminino".

**1908** Em Chicago (EUA), no dia 3 de maio, é celebrado, pela primeira vez, o Woman's Day. A convocação é feita pela Federação Autônoma de Mulheres.

**1910** A terceira edição do Woman's Day é realizada em Chicago e Nova Iorque, chamada pelo Partido Socialista, no último domingo de fevereiro.

Em Nova Iorque, é grande a participação de operárias devido a uma greve que paralisava as fábricas de tecido da cidade. Dos trinta mil grevistas, 80% eram mulheres. Essa greve durou três meses e acabou no dia 15/02, véspera do Woman's Day.

Em maio, o Congresso do Partido Socialista Americano delibera que as delegadas ao Congresso da Internacional, que seria realizado em Copenhague, na Dinamarca, em agosto, defendam que a Internacional assuma o Dia Internacional da Mulher.

"Este deve ser comemorado no mundo inteiro, no último domingo de fevereiro, a exemplo do que já acontecia nos EUA".

Em agosto de 1910, durante a II Conferência Internacional de Mulheres Socialistas na Dinamarca, realizada dois dias antes do Congresso, Clara Zetkin propõe e foi aprovada por mais de cem representantes de 17 países uma resolução que delibera que: "As mulheres socialistas de todas as nacionalidades organizarão uma data anual para a celebração dos direitos da mulher. O objetivo era honrar as lutas femininas e, assim, obter suporte para instituir o sufrágio universal em diversas nações. Não é definida uma data específica.

**1911** Durante uma nova greve de tecelões, em Nova Iorque, morrem 134 grevistas, a causa de um incêndio devido a péssimas condições de segurança. Na Alemanha, Clara Zetkin lidera as comemorações do Dia da Mulher, em 19 de março. (Alexandra Kollontai diz que foi para comemorar um levante, na Prússia, em 1848, quando o rei prometeu às mulheres o direito de voto).

Nos anos de 1911, 1912, 1913 e 1914 o Dia da Mulher é comemorado em diferentes datas na Alemanha, no Estado Unidos, na Suécia e na Rússia, nos Estados Unidos, o Dia da Mulher é comemorado em 25/02.

**1914** Pela primeira vez, a Secretaria Internacional da Mulher Socialista, dirigida por Clara Zetkin, indica uma data única para a comemoração do Dia da Mulher: 8 de Março. Não há explicação sobre o porquê da data. A orientação foi seguida na Alemanha, Suécia e Dinamarca, nos Estados Unidos, o Dia da Mulher foi comemorado em 19/03

**1917-1918** No dia 8 de Março de 1917 (27 de fevereiro no calendário russo) estourou uma greve das tecelãs de São Petersburgo. Em 8 de março de 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, cerca de 90 mil mulheres operárias na Rússia organizaram um manifesto contra as más condições de trabalho, a fome e a participação russa na guerra, em um protesto que ficou conhecido como "Pão e Paz".

Em 1918 Alexandra Kollontai lidera, em 8/03, as comemorações pelo Dia Internacional da Mulher, em Moscou, e consagra o 8/03 em lembrança à greve do ano anterior, em São Petersburgo.

**1955** Dia 5/03, L'Humanité, jornal do Partido Comunista Frances, fala pela primeira vez da greve de 1857, em Nova Iorque. Não fala da morte das 129 queimadas vivas.

**1966** A Federação das Mulheres Comunistas da Alemanha Oriental retoma o Dia Internacional das Mulheres e, pela primeira vez, conta a versão das 129 mulheres queimadas vivas.

**1969-1970** Nos Estados Unidos, o movimento feminista ganha força. Em Berkeley, é retomada a comemoração do Dia Internacional da Mulher. O jornal feminista Jomal da Libertação, em Baltimore, nos EUA consolida a versão da tragédia de 1857.



## MARÇO

- 1 Sílvia Pimentel
- 6 Albertina Duarte  
Rogéria Peixinho
- 8 **Dia Internacional da Mulher**
- 10 Angela Freitas
- 12 Vanda Menezes
- 15 Raquel Guisoni
- 16 Valéria Pandjarian
- 17 Luci Choinacki
- 18 Marta Suplicy
- 20 Débora Vaz  
Zeli da Silva
- 21 Sílvia Ferreira  
**Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial**
- 23 Maria Betânia Serrano de Andrade Regino
- 25 Rosane Sasse
- 27 Maria José Araújo  
Rosiska Darcy de Oliveira
- 28 Cleoci Aparecida Machado
- 29 Marli Leandro
- 31 Ruth Escobar  
Juçara Portugal

Sobretudo um dia virá em que  
todo o meu movimento será  
criação, nascimento, eu romperei  
todas as nós que existem dentro  
de mim, provarei a mim mesma  
que nada há a temer, que tudo  
que eu far será sempre onde haja  
uma mulher com o meu princípio...

Clarice Lispector  
Perto do Coração Selvagem



# Jornalismo feminista no Brasil

Pesquisa: Têla Negrao e Clair Castilhos



## AS PUBLICAÇÕES, AS MULHERES E JORNALISTAS QUE MARCARAM A IMPRENSA BRASILEIRA

**1831** (1º de Fevereiro) – é lançado *O Espelho das Brasileiras* que tinha, segundo o Diário de Pernambuco, o "único fim de oferecer às senhoras exemplos capazes de desenvolver seus talentos e lhes inspirar o amor por seus deveres".

**1852** (1º de Janeiro) – Surge o *Jornal das Senhoras* com a intenção de trabalhar para o "melhoramento social e para a emancipação moral da mulher", tendo como editora a argentina radicada no Brasil Joana Paula Manso de Noronha.

**1873** (7 de setembro) – aparece o primeiro número do semanário *Sexo Feminino* editado em Campanha, Minas Gerais.

**1873** (25 de outubro) – O jornal *O Sexo Feminino* lança um manifesto exigindo a emancipação feminina através de uma chamada "regeneração dos costumes". Este semanário dedicava-se aos interesses da mulher e sua redatora e fundadora Senhorinha da Motta Diniz lançou posteriormente outros jornais mais engajados politicamente.

**1876** (1º de Janeiro) – Angelo Agostini lança a *Revista Ilustrada* que refletia o pensamento feminino da época. Chegou a atingir 4 mil exemplares com ilustrações em litografia.

**1890** (6 de Janeiro) – é lançado o *Jornal das Damas*. Recreativo e literário.

**1890** (6 de Abril) – o jornal *O 15 de Novembro do Sexo Feminino* publica o seguinte texto: "Não queremos representar na sociedade o papel de adorno dos palácios dos senhores do sexo forte, não devemos continuar na semi-escravidão em que jazemos, vendo-nos mutiladas em nossa personalidade em seus códigos ou leis por eles legislados, tal como da outrora escravidão, sem que pudesse ser pela escrava protestada... a emancipação da mulher pelo estudo é um velho facho luminoso que pode dissipar-lhe as trevas pela verdade em que deve viver, e que levá-la-á ao templo augusto da ciência, de bem viver na sociedade civilizadora".

**1897** (15 de outubro) – Presciliana de Almeida, poetisa primeira a ingressar na Academia Paulista de Letras, lança a revista *A Mensageira*, onde fala sobre a condição feminina.

**1898** (15 de Fevereiro) – O jornal *A Mensageira* publica o seguinte comentário: "Formem grêmios e associações, fundem jornais e revistas, levem de vencida os tirocínios acadêmicos, procurem as mais ilustres e felizes, com sua influência, aviventar a campanha em bem da mulher e seus direitos no Brasil: e assim terão as nossas virtuosas e dignas compatriotas pelejado, com o recato e moderação naturais ao

seu delicado sexo, pela bella idéia 'Fazer da brasileira um modelo feminino de educação e cultura espiritual, activa, distincta e forte'".

**1905** (2 de Janeiro) – Ernestina Lesima publica em São Paulo o periódico *níma Vita*, especialmente dirigido às mulheres, no qual conclama - as a participarem na defesa dos trabalhadores e pela regulamentação do trabalho feminino.

**1905** (29 de outubro) – nasce em Belém do Pará Eneida da Costa Moraes, escritora, de grande militância política. Ingressou no PCdoB em 1932. Mulher de fibra e coragem, liderou greves, nas diversas vezes em que esteve presa. Escrevia no jornal *Momento Feminino*. Morreu em 1971. Sobre ela, Drummond escreveu *Eneida: Enquanto a cigarra zume / No ouro da tarde que desmaia / Fitas o rosto de Lenine / Com os longos olhos de Krupskaya*.

**1908** (17 de setembro) – É lançado o jornal *O beijo*, de Araras, São Paulo destinado para as moças da cidade. Um órgão destinado ao "bello sexo", segundo sua apresentação.

**1914** (9 de Junho) – Surge por iniciativa de Virgínia de Souza Telles, de tradicional família paulista, a *Revista Feminina*, que dura até 1936. Era uma publicação esmerada da graficamente e que serviu de espaço para levantamento de questões da mulher.



Nossos  
Direitos

A MULHER DO  
POVO

MULHERIO

RUTHILANTE  
GONÇALVES  
do jorna



**1923** (5 de Fevereiro) – Surge a Revista *Renas-  
cência*, dirigida por Maria Lacerda de  
Moura. Mineira, escritora, pensadora,  
elabora grandes contribuições para a  
discussão sobre a emancipação da  
mulher. Nascida em 1887, muito jovem  
começou a levantar a bandeira da educa-  
ção para as mulheres. Considerada  
"anarquista", Maria escreveu obras  
polêmicas, entre elas "Feminismo", "A  
mulher brasileira e os problemas sociais",  
e chegou a frequentar os primeiros  
núcleos comunistas surgidos logo após a  
Revolução Russa.

**1947** (24 de Junho) – Nasce o *Jornal Momen-  
to Feminino*, que durou 10 anos. Foi um  
articulador do movimento de mulheres,  
difundindo experiências na luta contra a  
carestia e os direitos das mulheres. Sua  
distribuição era feita por organizações  
autônomas de mulheres.

**1947** (29 de Junho) – o jornal *Terra Livre* lança  
o manifesto das mulheres, proclamando  
as trabalhadoras a lutarem junto com os  
homens e por seus direitos específicos.

**1952** (18 de Junho) – foi criada a revista  
*CAPRICHÔ*. Ela foi o primeiro título da  
Editora Abril e a primeira revista feminina  
do Brasil. Nos seus primeiros 30 anos, a  
*CAPRICHÔ* foi uma revista de fotonove-  
las – histórias de amor contadas com  
fotos, em formato de histórias em quadri-  
nhos! Aos poucos, a revista passa a falar  
também de moda, beleza e comporta-  
mento. Em 1982, a revista, que era  
mensal, volta o seu foco para as leitoras  
mais jovens (de 15 a 29 anos). A fotonove-  
la desaparece e dá lugar a mais serviços  
de moda, beleza e comportamento.

**1953** (25 de setembro) – O jornal *O Estado de  
São Paulo* lança seu suplemento feminino.

**1961** (outubro) – *CLAUDIA* é uma revista  
destinada ao público feminino, em  
circulação desde outubro de 1961.

# Calendário das Santas

## ABRIL

- 1 Elinaide Alves de Carvalho
- 2 Teresa Kleba Lisboa
- 4 Alcenira Vanderlinde – Léilly  
Liliane Araújo
- 6 Tessi D'Ávila
- 7 Marivete Gesser  
**Dia Mundial da Saúde**
- 8 Regina Jurkewicz
- 11 Myriam Guarani Kaitowá
- 12 Christiana Costa
- 14 Maria José Rosado Nunes
- 16 Rosmari Castilho  
Solange Rocha
- 17 Gui Cunha Ayres
- 18 Maria Eunice Regis L. Carcereri
- 19 Maria Regina A. Lisbôa  
Giana de Souza
- 22 Jussara Gue Martini
- 23 Iara da Rosa  
Rosana Cassia Kamita  
Lucila Scawone
- 24 Alcione Massula
- 25 Silvia Maria Favero Arend  
Amanda Galon
- 27 Ana Galati
- 28 Flávia Viana
- 29 Mary Garcia de Castro
- 30 Fátima de Almeida

## MAIO

- 1 **Dia do Trabalho**
- 2 Jane Philippi  
Jovita Levy
- 3 Nelida Piñon
- 7 Roselane Neckel
- 8 Malu Heilborn
- 9 Schuma Schumahr
- 10 Joice Pacheco  
Dulce Xavier
- 11 Jeanete Mazziero  
Maria Mary Ferreira
- 13 **Dia Nacional de Luta e  
Denúncia contra o Racismo**
- 14 Gilberta Santos Soares
- 15 Maria do Espírito Santo  
Tavares dos Santos  
Neusa Melo  
Verônica Lourenço da Silva  
Terezinha Mafioletti
- 17 Lillian Marinho
- 18 Jacira Quiabai

O primeiro número, com tiragem de 150 mil exemplares, inovava em relação a outras revistas femininas do Brasil por trazer uma proposta feminista. Sob o título "Não, isto não tolero!", aconselhava a leitora a reagir "com firmeza, mas com doçura" aos defeitos do marido. A partir de 1963, passou a publicar a coluna "A arte de ser mulher", assinada por Carmem da Silva. A partir da década de 1980, entretanto, a revista abandona essa linha editorial e passa a se concentrar em temas "que dizem respeito à mulher: profissão, vida em família, casa, moda e cozinha".

**1976** (1º de Junho) – Surge o jornal *Nós Mulheres*, fruto de um grupo de mulheres jornalistas ou não que se reuniam e editavam matérias sobre os problemas femininos. O jornal durou dois anos, atuou também enquanto movimento, graças às doações e à dedicação das colaboradoras.

**1976** (2 de Junho) – surge o jornal *Brasil Mulher*, ligado ao Movimento pela Anistia, e que joga um importante e decisivo papel na elaboração de uma concepção emancipacionista, participando da organização de congressos e encontros de mulheres e da luta do povo brasileiro pela democracia.

**1979** (26 de setembro) – realiza-se em São Paulo o 1º Encontro da Mulher Jornalista, organizado pelo Sindicato dos Jornalistas para debater a situação das profissionais, suas reivindicações e participação.

**1981** (1 de Março) – Um grupo de mulheres da Fundação Carlos Chagas cria o jornal *Mulherio*. O jornal sobreviveu de recursos próprios e foi um importante veículo das bandeiras de luta das mulheres brasileira.



# A MULHER DO POVO

## norma l i n h a s

As garotas tradicionais que todo o mundo gosta de ver em S. Paulo, risinhas, pintadas, de saias de cor e boi nas vivas. Essa gente que tem uma probabilidade excepcional de reagir como moças contra a mentalidade decadente, estraga tudo e são as maiores e mais abomináveis burguezas velhas.

Com um entusiasmo de fogo e uma vibração revolucionária poderiam se quizessem, virar o Brasil e botar o Oyapock perto do Uruguay. Mas D. Burguezia habita nelas e as transforma em centenas de inimigas da sinceridade. E não raro se zangam e descem do bonde, se sobe nelle uma mulher do povo, escura de trabalho.

A gente que as vê em um bandinho rizonho pensa que estão forjando alguma coisa sensacional, assim como entram em grupo na Igreja de S. Bento, derrubar altar, padre estoia, sacristia... Nada disso. Ou commentam um tango idiota numa fita imbecil ou deturpam os fatos escandalosos, de uma guria mais sincera, em luta corporal com o controle cristão. Agrupam-se para abandoná-la. A camarada tem que andar sozinha... E' uma immoralidade... Ao menos, se fizesse escondido...

E' isso mesmo o que ellas fazem.

Eu, que sempre tive a reprovação dellas todas; eu, que não mentia, com as minhas atitudes, com as minhas palavras, e com a minha convicção; eu que era uma revolucionária constante no meio dellas, eu que as aborrecia e as abandonava voluntariamente enojada da sua hipocrisia, as via multissimas vezes protestar com violencia contra uma verdade, as via tambem com o rosto enfiado na bolsa escolar e pernas reconhecíveis e tremulas subirem a baratas

impassíveis para uma garconiére vulgar.

Ignorantes da vida e do nosso tempo! Pobres garotas incurraladas em martineés oscillantes, semi-aventuras, e clubs cretinos.

A variadas umas pelas outras, amedrontadas com a opinião, azoaindo preconceitos e corvejando disparates, se recalcam as formadoras de homens numa senda inteiramente incompatível com os nossos dias. E vão estragar com os ensinamentos falsos e moralistas a nova geração que se prepara. E' caso de policia! O governo como bom revolucionario que se diz, devia intervir com uma dezena de grillos numas visitinhas pela casa corruptora.

Com uma duzia de palmadas ellas se integrariam no verdadeiro caminho.

\*\*\*

Acho bom Vocês se modificarem pois que no dia da reivindicação social que virá, vocês servirão de lenha para a fogueira transformadora.

Si Vocês, em vez dos livros deturpados que lêem, e dos beijos sifiliticos de meninotes desclassificados, voltassem um pouco os olhos para a avalanche revolucionária que se forma em todo o mundo e estudassem, mas estudassem de fato, para compreender o... que se passa no momento, poderiam, com uma convicção de verda ras proletarias, que não querem ser, assar uma rasteira nas velharias enfeujadas que resistem e ficar na frente de uma mentalidade actual como autenticas pioneiras do tempo novo.

\*\*\*

Vocês tambem não querem que nem os seus colleguinhas de Direito, trocar bofetões commigo?

p a g ú

## ESCRITOS sobre feminismo - nº 1



Obra de mulheres de Porto Alegre - 1978



# Costela de Adão

Clarisse Chiappini Castilhos  
mulheresrebelde.blogspot.com.br/2009

O **Costela de Adão** surgiu em Porto Alegre, no final dos anos 1970, a partir de conversas entre amigas oriundas do meio universitário e foi sempre um grupo classe-média. Vivíamos ainda sob a ditadura, mas a sociedade civil se organizava em função da luta pelas liberdades democráticas (em 1988 foi promulgada a constituição que encerrou esse período tenebroso). A maioria das participantes foi atuante contra a ditadura dentro do movimento estudantil, cujas lideranças eram masculinas. Lutava-se também dentro desse movimento para inserir temas feministas cuja luta era vista como um "desvio" dos objetivos fundamentais da luta política.

O grupo buscava captar as transformações sociais através do estudo das questões feministas integradas a esse contexto. Considerava-se que a situação das mulheres é específica a cada sociedade, a cada momento histórico, sendo portanto condicionada pelo tipo de organização social em que se vive. Sob essa ótica não caberia hostilizar os homens, enquanto indivíduos, como faziam na época muitos grupos feministas estadunidenses. O Costela defendeu a prática de reuniões abertas a homens, o que foi malvisto por outros grupos de mulheres e, inclusive, pelos homens que tinham tendência a fazer das feministas uma imagem pejorativa. A participação de homens limitava-se a reuniões especiais destinadas a debater um tema específico. Essa estratégia era suficiente para provocar uma certa surpresa e se constituiu numa peculiaridade desse grupo em relação a todos os demais, daquele período.

Sua prática se caracterizava por leitura de obras sobre a situação das mulheres no mundo contemporâneo. Dentre os trabalhos brasileiros, destaca-se o livro de Heleieth Saffioti, "A mulher na sociedade de classes". A par de muitos livros comentávamos artigos da imprensa, filmes, livros, fatos que nos chamavam a atenção para a situação das mulheres. As reuniões eram realizadas nas casas das participantes, com periodicidade variável. Mantinha-se contato com jornais feministas e com centros de estudos em São Paulo e Rio. Nossa atividade mais visível foi a publicação "Escritos sobre feminismo" com artigos escritos exclusivamente pelas participantes. As ideias aí veiculadas eram muito avançadas para a época pois tratava-se inclusive de questões tabu como monogamia obrigatória e homossexualismo. Os únicos dois números da revista foram feitos artesanalmente, desde redação e datilografia de textos, montagem, recorte e colagem de fotos, fotocópias. Utilizávamos um mínimo de recursos tirados de nossas economias, pois não se buscava auxílio de nenhum tipo, podendo ser considerado como um grupo autônomo.

Não houve uma posição coletiva no sentido de extinguir o grupo. Simplesmente, as integrantes perderam o interesse de trabalhar em conjunto, embora até hoje, quando se encontram, considerem que essas "façanhas" de 30 anos atrás cumpriram uma função. Pode-se constatar, hoje, que o Costela de Adão foi um grupo feminista diferente e pioneiro, pois ao mesmo tempo em que levava a sério a luta das mulheres era capaz de colocar um toque de irreverência em suas formas de comunicação. A propósito, cabe referir o porquê do nome: é pura irreverência! Não precisa explicação.



## MAIO

- 19 Sara Lima
- 21 Dia da Língua Nacional
- 23 Magda Duarte Scherer
- 24 Madalena Guilhon
- 27 Marta de Oliveira Malu Büchele
- 28 Dia Internacional de Luta pela Saúde da Mulher Dia Nacional de Redução da Mortalidade Materna
- 29 Maira Castilhos Coelho
- 30 Anaica GM
- 31 Marisse Queiroz Enid Backes

## JUNHO

- 1 Gláucia Morelli
- 2 Beatriz Galli
- 4 Eva Alterman Bay Solange Dacach
- 5 Denise Carreira
- 6 Jolúzia Batista
- 7 Analdiza Paiva Irmingard Klix
- 8 Zuleika Lenzi Carla Batista
- 10 Maria Betânia Ávila Sílvia Bianchi
- 12 Cecília Maria Bacellar Sardenberg Iaris Cortes
- 13 Marian Pessah
- 14 Cecília Simonetti
- 16 Neusa Freire Dias Muna Zeyn
- 19 Carmen Caldas-Coulthard
- 20 Simone Silva
- 24 Joana Pedro Sueli Carneiro Isadora Castilhos Coelho
- 25 Cristina Rosa - Bitá Nina de Castro
- 26 Liliane Brum Ribeiro
- 27 Conceição Amorim
- 28 Daniela Auid



# BANDEIRAS DE LUTAS



SOU MULHER  
SOU LIVRE



Contra a discriminação à mulher na legislação.



Pela condenação a todas as formas de violência contra a mulher.



Por educação igual para homens e mulheres.



Meu corpo me pertence - pelo direito da mulher decidir sobre seu corpo.



Pelo direito à informação, decisão e atendimento em tudo que diga respeito à vida da mulher.



Contra todas as formas de discriminação sexual e racial no mercado de trabalho.



Pela criação de empregos sem discriminação sexual.



Por salário justo e igual para trabalho igual.



Pela garantia de emprego no período de gestação e pós-gestação.

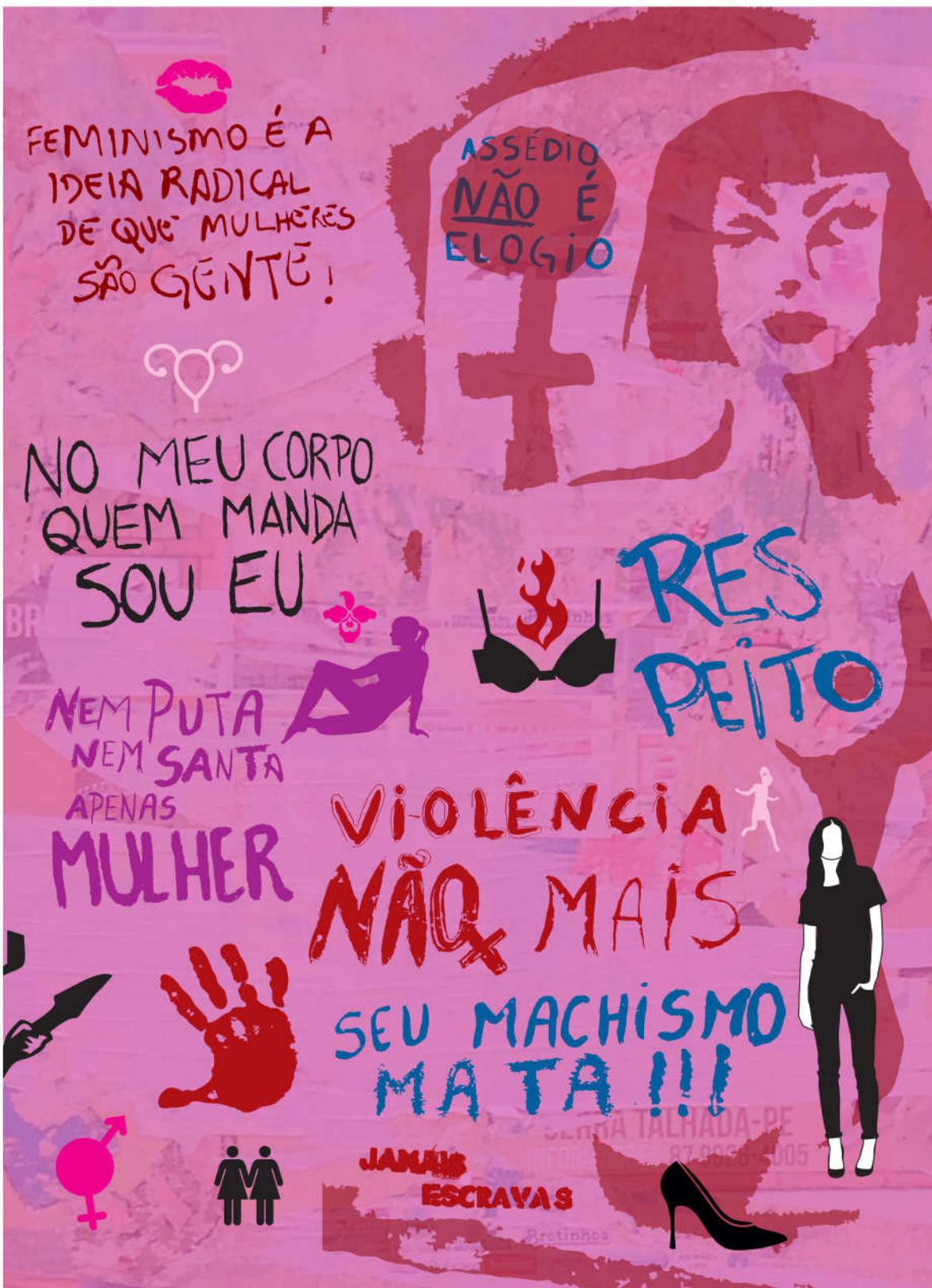


Por creches nos locais de moradia e trabalho.



Por um maior nível de organização das mulheres, nos Sindicatos, locais de trabalho e moradia, grupos feministas e outros, no sentido de fortalecer sua participação e influência política.





Calendário das   
**Santas**

## JULHO

- 4 Isabel (Bebela) – MG
- 6 Celina Simões
- 8 Léa Epping
- 9 Thais Helena Lippel
- 11 Zilda Martins de Quadros
- 13 Jacira Vieira de Melo – Jajá
- 14 Zahidé Lupinacci Muzart
- 15 Miriam Pillar Grossi
- 16 Estela Scandola
- 17 Clara Charf  
Isabel Clavelin
- 19 Simone Pereira Schmidt
- 20 Simone Diniz  
Alaerte Leandro Martins
- 21 Letícia Castilhos Coelho
- 25 **Dia da Mulher Negra da América Latina e Caribe**  
Claudia Maria Petry
- 29 Fernanda Fagundes
- 31 Sheila Sabag

## AGOSTO

- 3 Analba Teixeira  
Antonia Salgado  
Vagna Araujo
- 6 Claudia Ferreira
- 7 Vera Vieira  
Eunice Guedes
- 9 Fabiana Paranhos  
Jô Moraes
- 10 Áurea Breitbach
- 12 Janine Gomes da Silva  
Joana Vieira Borges
- 15 Tania Slongo
- 16 Taís Lobo  
Juliane Di Paula Queiroz Odinino
- 18 Sara Ternes
- 19 Cremilda Luiza Almeida  
Hildésia Alves de Medeiros
- 20 Maria Alice Lahorgue
- 21 Eleonora Menicucci
- 22 Rosaura de Oliveira Rodrigues
- 23 Suzana Kalckmann
- 25 Idalina Santiago
- 26 Maria Luisa Pereira Oliveira  
Rachel Andrade
- 27 Ana Claudia Araujo  
Maria Amelia Schmidt Dickie
- 28 Angela Albino
- 29 **Dia da Visibilidade Lésbica no Brasil**



# NOSSO CORPO NOS PERTENCE

Imagem extraída do cartaz do "Encontro de Mulheres sobre Saúde, Sexualidade, Contraceção e Aborto",  
Um dos primeiros eventos em que se debateram questões referentes aos Direitos Reprodutivos.  
(Rio de Janeiro, de 4 a 6 de Março de 1983)

---

DIREITO AO  
**ABORTO**

---

EDUCAÇÃO SEXUAL  
**PARA ESCOLHER**

---

CONTRACEÇÃO  
**PARA PREVENIR**

---

ABORTO LEGAL  
**PARA NÃO  
MORRER**

---

PELA **VIDA DAS  
MULHERES**

---

---

77% dos líderes  
anti-aborto são  
**HOMENS**



---

100% deles  
**NUNCA  
ENGRAVIDARÁ**

---



Coletivo das Vadias de Campinas - SP

28 de Setembro

Dia Internacional de Luta pela  
Descriminalização do Aborto

## Pela saúde e pela vida das **MULHERES**

O dia 28 de Setembro é marcado em quase todo mundo como o Dia Internacional pela Despenalização do Aborto. No Brasil, a decisão de interromper a gestação ainda constitui um risco à vida e à saúde das mulheres, em razão da proibição da prática, da falta de acesso ao medicamento mais seguro e das ameaças que pairam sobre todas as mulheres. Embora o movimento de mulheres e parcelas da sociedade brasileira lutem pela descriminalização e a legalização do aborto há muitas décadas, a decisão recai sobre a justiça, o congresso e o governo, todos sob pressão dos conservadores. Uma das propostas de dar à mulher a opção de interromper a gravidez até a 12ª semana, prevista na reforma do Código Penal em curso e apoiada pelo Conselho Federal de Medicina, encontra barreiras no Senado. Parlamentares ligados a igrejas insistem com o projeto do Estatuto do Nascituro, um retrocesso absoluto, inclusive em relação aos três permissivos existentes — estupro, risco de vida da gestante e fetos anencefálicos. É negado às mulheres o direito de decidir sobre o próprio corpo, direito exclusivamente delas. Esse quadro coloca o Brasil entre os países mais atrasados quanto aos direitos reprodutivos. Uma vez mais é necessário afirmar: o aborto continua sendo um grave problema de saúde pública devido à magnitude do dano e uma grave violação dos direitos humanos, pois direitos sexuais e direitos reprodutivos são desrespeitados; é a cidadania roubada quando as concepções religiosas interferem nas decisões individuais e do Estado, que deve ser laico.



## SETEMBRO

- 2 Tania Regina Oliveira Ramos
- 3 Marivone Loureiro  
Lea Melo  
Dalva Maria Kaiser
- 5 Rosângela Talib
- 7 **Dia da Independência do Brasil**
- 8 Maria Berenice Dias
- 12 Mara Regia
- 14 Maria Ignez Silveira Paulilo
- 16 Sílvia Camurça  
Wania Sant'Anna
- 18 Vera Lúcia Fermiano
- 19 Gláucia de Oliveira Assis
- 20 Neusa Heinzelmänn
- 21 Terezinha Vicente
- 23 Marta Giane Machado Torres  
Rita Quadros  
Lucia Avelar
- 25 Circe Ferreira Ferreira
- 26 Marina Colasanti
- 27 Elisabeth Meloni Vieira  
Janine Gomes da Silva
- 28 Gleyde Selma da Hora  
**Dia de Luta pela  
Descriminalização do Aborto  
na América Latina**
- 29 Têlia Negrão
- 30 Fátima Jordão



**1 MULHER MORRE  
A CADA 2 DIAS  
DEVIDO A  
ABORTO  
INSEGURO  
NO BRASIL**

Dados da OMS



## As mulheres e os Direitos Reprodutivos

*Clair Castilhos Coelho*

Para o movimento feminista, a partir da conferência do Cairo – 94, onde foi incluída a questão dos Direitos Reprodutivos na agenda de discussões, a tensão entre os setores mais conservadores da sociedade mundial foram intensificadas. Entre o foco destas tensões está uma das preocupações mais importantes do feminismo: o questionamento da ordem sexual dominante. A partir desta é que foi construído um ideal feminino segundo o qual é avaliado, julgado e disciplinado o comportamento e o corpo das mulheres e seu uso em todas as nuances de sua vida.

A saúde é, talvez, o mais importante foco desses controles opressivos, pois traz consigo o domínio do corpo e a vivência da sexualidade.

A saúde da mulher, além dos aspectos mais gerais dos fenômenos que ocorrem no ciclo vital de todas as pessoas, inclui de forma predominante os assuntos da reprodução e suas diferentes fases. Muitas vezes a falta de compreensão e a ignorância sobre o aparecimento de episódios como a menarca, a menstruação, a gestação, o parto, o puerpério, o climatério e a menopausa tornaram o corpo feminino motivo de curiosidade e atração. A vida da mulher, marcada pelo sangue, pelos humores, hormônios e alterações cíclicas foi, muitas vezes, relacionada aos ciclos da natureza, às fases da lua, aos equinócios e solstícios, aos movimentos da terra e aos rituais da sementeira e da colheita, às deusas da fecundidade e da beleza. Continham uma conotação mística, às vezes até divina, despertando sensações de coisas inalcançáveis e de difícil controle.

As transformações do corpo feminino tornaram-no objeto de credices que com o passar do tempo alimentaram os preconceitos e restringiram a vida e a sexualidade das mulheres limitando seus direitos reprodutivos.

Os preconceitos e as discriminações foram validados pelas diferentes culturas, ciências e religiões em todos os tempos.

O avanço da civilização resultou em novas concepções científicas e a religião como forma de opressão sobre a mulher foi substituída pela Medicina.

O século XIX é um marco na transição entre o passado medieval, a era moderna e a cultura contemporânea. No final do século XIX e início do século XX a nova realidade resultante do trabalho produtivo e remunerado das mulheres rompeu o limite estrito entre o público e o



privado. A relação entre a reprodução biológica (no universo privado) e a venda da força de trabalho (esfera coletiva da produção industrial) tornou-se visível. Surgiram, portanto, os questionamentos sobre as famílias extensas, a família nuclear, patriarcal, e aparece como resultado a visibilidade da opressão sobre a mulher.

Ainda nesse século, são produzidos os primeiros artefatos de contraceção. Com o transcorrer do tempo os métodos anticoncepcionais aparecem na cena social trazendo consigo as possibilidades de libertação da mulher da obrigatoriedade da concepção, a alternativa do controle populacional, a transgressão aos ditames religiosos de sexo só para a reprodução.

Finalmente, é necessário que se utilize o conceito de direitos reprodutivos. Este conceito é uma construção teórico-conceitual elaborado pelo movimento de mulheres e referendado em Amsterdã, em 1984, no "Tribunal Internacional do Encontro sobre Direitos Reprodutivos" que ocorreu no 8º Encontro Internacional Mulher e Saúde. Segundo Ávila (1993), "a novidade em relação aos direitos reprodutivos é que são uma invenção das mulheres participando, como sujeitos, da construção de princípios democráticos. O feminismo é o locus político e filosófico dos direitos reprodutivos. É, na sua história ocidental, uma luta por igualdade. A ONU reconhece, na Conferência de Nairobi em 1985, que a "promoção dos direitos da reprodução é uma aquisição fundamental das mulheres para uma justa posição na sociedade.

A partir destas considerações, DIREITOS REPRODUTIVOS são os direitos das mulheres de regularem sua própria sexualidade e capacidade reprodutiva, bem como de exigir que os homens assumam responsabilidades pelas consequências do exercício de sua própria sexualidade. A abrangência desse conceito envolve a contraceção, esterilização, aborto, concepção e assistência à saúde. Além do mais, é visto na perspectiva dos direitos humanos, ampliando o seu sentido e retirando a função da reprodução da esfera privada, avançando para além do planejamento familiar, ou seja, saindo do âmbito meramente familiar e passando a se localizar no espaço da sociedade como um todo.

O Relatório da Conferência do Cairo, de 1994, reflete a agenda de prioridades que as mulheres construíram, assim como demonstra que elas também redirecionaram o eixo da questão populacional. A partir daí o planejamento familiar perde força como conceito e emerge, com grande destaque para o conceito de Direitos Reprodutivos, como parte integrante dos Direitos Humanos.



## OUTUBRO

- 1 Sandra Dircinha
- 2 Sonia Alvarez
- 3 Sonia W. Maluf
- 4 Janja Araújo  
Nina de Castro
- 5 Madalena Guasco  
Lena Franco
- 6 Amelinha Teles
- 7 Vera Daisy Barcellos
- 9 Cristiane Kondo
- 10 Claudia Nchnig  
Maria Noelci Teixeira Homero
- 13 Liège Rocha
- 14 Fernanda Pompeu
- 15 **Dia do(a) Professor(a)**
- 16 Jacqueline Pitanguy  
Rayane N. Oliveira  
Silvana Mariano
- 17 Katia Souto
- 18 Simone Lolatto  
Anayansi Brenes
- 19 Sandra Elisabete
- 20 Maise Caroline Zucco
- 21 Malô Simões Lopes
- 22 Eliana de Souza Ávila  
Ana Liése Thurler
- 23 Lia Zanotta Machado
- 24 Danda Prado
- 28 Maria José de Lima – Zezé
- 29 Clair Castilhos Coelho
- 30 Elza Correia
- 31 **Dia da Dona de Casa**



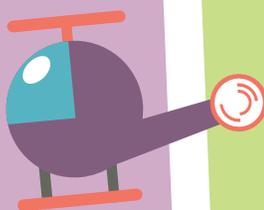


O cara está na cozinha, fritando um ovo, quando a esposa chega e começa a gritar, como uma louca:

- Joga mais óleo! Joga mais óleo! Vai grudar tudo no fundo!
- Cuidado, vira, vira, anda, rápido! Agora, calma!
- Cuidado, muito cuidado agora, vai espirrar!
- Você nunca fez isso antes?
- Vai entornar. Ai, meu Deus!
- Não esqueça o Sal, esqueceu? Sal, Sal!
- Sem entender nada:
- Por que você está fazendo isso?
- Acha que eu não sou capaz de fritar um ovo?
- A Esposa, já calma, responde:
- Isso é só para você ter uma ideia de como é dirigir com você na carona!



Onze pessoas estavam penduradas na corda de um helicóptero. Eram dez homens e uma mulher. Como a corda não era forte o suficiente para segurar todos, decidiram que um deles teria que se soltar da corda. Eles não conseguiram decidir quem até que, finalmente, a mulher disse que se soltaria da corda, pois as mulheres estão acostumadas a largar tudo pelos seus filhos e marido, dando tudo aos homens e recebendo nada de volta e que os homens, como a criação primeira de Deus, mereciam sobreviver, pois eram também mais fortes, mais sábios e capazes de grandes façanhas... Quando ela terminou de falar, todos os homens começaram a bater palmas... MORAL DA HISTÓRIA: Nunca subestime o poder e a inteligência de uma mulher!



A filha faz 18 anos e o pai está todo feliz por emitir o último cheque da pensão que paga à ex-mulher. Chega para a filha e pede que lhe conte a cara da mãe, ao dizer-lhe que é o último cheque que ela verá da parte dele.



A filha entrega o cheque à mãe e volta à casa do pai para lhe dar a resposta.

- Diga filha, qual foi a reação dela?
- Ela mandou dizer que você não é o meu pai.



PAPAI...  
O QUE SIGNIFICA  
SER HOMEM?

SIGNIFICA TOMAR  
AS DECISÕES,  
CUIDAR DO DINHEIRO.  
MANDAR NA CASA!

UM DIA  
QUERO SER HOMEM  
IGUAL À MAMÃE!



O PAPA NÃO PODERIA  
MESMO SER BRASILEIRO,  
POIS SE DEUS  
TAMBÉM É BRASILEIRO,  
ISTO SERIA NEPOTISMO!

POR QUE UM HOMEM  
NÃO PODE TER  
UM BOM CARÁTER E  
SER INTELIGENTE?  
PORQUE SERIA  
MULHER!



# CARTA ENIGMÁTICA



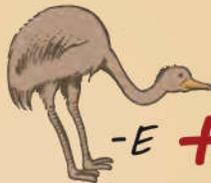
-IJO  
+M



-C



-A



-E +



-LA



-OZ  
+ÃO

H+1+



e



-A



-OR  
+A

VIOLÊNCIA  
NÃO MAIS



## Dia Internacional da Não-Violência Contra a Mulher

No dia 25 de novembro de 1960 na república Dominicana durante a ditadura de Trujillo, três irmãs, Patria, Maria Teresa e Minerva Mirabal foram assassinadas depois de ter sido torturadas e violentadas. As três opositoras da ditadura e organizadoras do Movimento de Resistência Clandestina "14 de junho", foram afrontados com os abusos mais flagrantes físicos e sexuais por parte das tropas de Trujillo. Minerva, além de tudo, teve que suportar as propostas amorosas do ditador. Este fato histórico motivou as mulheres reunidas no Primeiro Encontro Latinoamericano ocorrido em Bogotá em 1981, a declarar esta data como o dia mundial de luta e protesto contra a violência exercida contra a mulher.



# Calendário das Santas



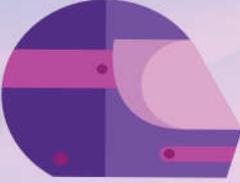
## NOVEMBRO

- 1 Cristina Lima  
Regina Barbosa
- 2 Ingrid Leão
- 3 Simone Cruz  
Mary Neide Figueiró
- 5 Schirlei Azevedo  
Olivia Rangel
- 7 Janete Ely  
Jussara Cony
- 9 Estela Cardoso  
Ioná Maria Cardoso
- 10 Paula Guimarães
- 11 Maria Dirlene Marques  
Heliana Hemetério
- 12 Maria Angelica Lemos
- 14 Neusa das Dores Pereira
- 15 Dia da Proclamação da República
- 18 Sonia Correa  
Guacira Cesar de Oliveira  
Elizabeth Simões
- 20 Dia Nacional da  
Consciência Negra
- 22 Alice Libardoni
- 24 Luci Maria Mendes
- 25 Leila Mattos  
Dia Internacional da  
Não-Violência Contra a Mulher
- 29 Paula Viana
- 30 Luísa Erundina

Ter direito a uma vida  
sem violência é  
feminismo.





  
**CORRIDA AO**  
**TERCEIRO**  
**MILENIO**




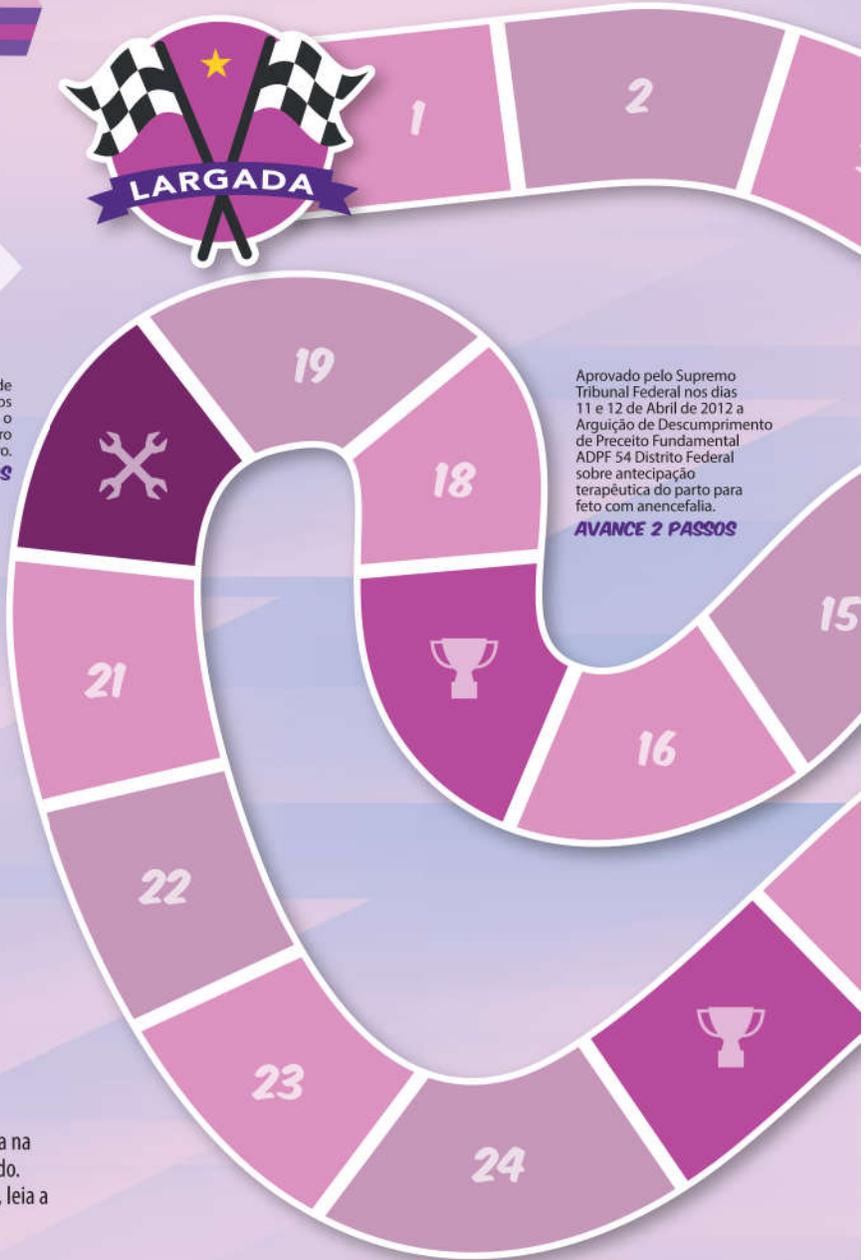

  
 Aprovado na Comissão de  
 Comissão de Direitos Humanos  
 e Minorias da Câmara Federal o  
 Estatuto do Nascituro  
 e Bolsa Estupro.  
**VOLTE 5 PASSOS**

Aprovado pelo Supremo  
 Tribunal Federal nos dias  
 11 e 12 de Abril de 2012 a  
 Arguição de Descumprimento  
 de Preceito Fundamental  
 ADPF 54 Distrito Federal  
 sobre antecipação  
 terapêutica do parto para  
 feto com anencefalia.  
**AVANCE 2 PASSOS**



**VOCÊ VAI  
 PRECISAR  
 DE UM DADO  
 E 4 PEÕES**

Cada jogador(a) lança o dado e avança na  
 trilha de acordo com número sorteado.  
 Quando parar em uma casa especial, leia a  
 mensagem e siga a instrução.





Calendário das **Santas**

## DEZEMBRO

- 1 K.K. Verdade  
Lucia Lira  
**Dia Mundial de Luta Contra a AIDS**
- 6 Rachel Moreno
- 7 Rosane Reis Lavigne
- 8 Rosalina Santa Cruz
- 10 **Dia Internacional dos Direitos Humanos**
- 11 Maria Elizabeth Peixoto Luna
- 13 Mariana Hasse
- 14 Dilma Rousseff  
Regina Ingrid Bragagnolo
- 16 Jurema Werneck  
Marlene de Fávéri
- 18 Susana Bornéo Funck
- 21 Carmen Sílvia Rial  
Suely Oliveira
- 22 Fernanda Carneiro
- 24 Mariana Venturini  
Juliana Cesar
- 25 **NATAL**
- 28 Luzinete Simões
- 29 Nilce Salvador  
Maria do Socorro Borges
- 31 Clarisse Castilhos

# O terceiro milênio *nos pertence!*



Franziska Becker – Último Aviso – autorizado por Barricada/Boitempo Editorial



A **Conferência de Pequim** em 1995 é a continuidade das conferências mundiais sobre mulheres inauguradas em 1975 no México. Além das conferências sobre a mulher na última década do século XX ocorreram ainda:

**ECO 92** - sobre meio ambiente

**Viena 93** - sobre direitos humanos

**Cairo 94** - sobre população e desenvolvimento

**Cúpula de Copenhague 95** - sobre desenvolvimento social.

**Durban 2001** - contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata.

Desde então tem ficado claro para o mundo que as mulheres estão permanentemente acordadas e querem opinar na gestão planetária. Assim foi em Viena com a afirmação dos direitos das mulheres como direitos humanos; no Cairo com o conceito de direitos reprodutivos diante de políticas populacionais inspiradas no darwinismo social, diante do obscurantismo religioso que se atribui direitos sobre o corpo das mulheres. "Nosso corpo nos pertence", velha divisa fundadora do movimento de mulheres, revisitada na defesa dos direitos reprodutivos, marcou a conferência do Cairo no discurso público das mulheres, na afirmação de sua autonomia e liberdade. (...); prolongou-se em Copenhague a ativa participação das mulheres e assim chegamos a Pequim. Sabíamos que em Pequim estaria em jogo a manutenção de vitórias das conferências anteriores que haviam colocado as mulheres em novo patamar de respeitabilidade pública e privada. Sabíamos, também, que estas conquistas seriam duramente atacadas — como foram — por uma aliança de forças retrógradas. Mas, resistimos e avançamos.

# O século XXI começou em PEQUIM



Chovia forte na madrugada de dezesseis de setembro em Pequim.(...) Acabava de encerrar-se a Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher. (...) Muito tenho pensado sobre o que ali vivemos, nós, as trinta e seis mil mulheres que cruzaram o mundo no caminho de Pequim. Mas nunca como naquela madrugada pensei, com tanta intensidade, se sim ou não havíamos estado à altura de nossa geração. (...) A Conferência de Pequim foi, antes de mais nada, um sobressalto da história humana, protagonizado por minha geração.

Minha geração encontrou o tempo em que às mulheres coube o susto de se perder. De, subitamente, no espaço de uma vida, ver dissolverem-se certezas milenares, sentir fugir o chão debaixo dos pés. E, por isso mesmo, ter que assumir de agora em diante a inédita autoria do feminino. A autoria do feminino é o movimento que farão as mulheres no próximo milênio. Um feminino que não é mais o que era antes e que não pode ser definido senão como um processo de desorganização ou, banalmente falando, de transformação.(...) Mudou o lugar social das mulheres, mudou sua experiência do mundo. As mulheres ficaram assim divididas entre passado e futuro, entre memória e projeto.

O movimento mundial de mulheres tem sido desafio e exigência de transgressão de uma ordem que, confundida com o senso comum, vigorou ao longo dos tempos, atribuindo ao masculino o direito de definir o feminino como seu avesso. Vivemos hoje o desmentido desta ordem, o mergulho numa desordem que, paradoxalmente, é organizadora. Sair da invisibilidade e falar com voz própria foi para as mulheres a grande vitória histórica com que marcaram o século XX. (...)

O século XXI começava naquela madrugada em Pequim.



**Rosiska Darcy de Oliveira**

Presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher  
IV Conferência Mundial Sobre a Mulher  
Beijing, China - 1995

# Respostas



**1. Você conhece as seguintes obras das feministas históricas?**

- 3 – Flora Tristan / 4 – Alexandra Kollontai
- 5 – Nísia Floresta / 1 – Simone de Beauvoir
- 2 – Mary Wollstonecraft

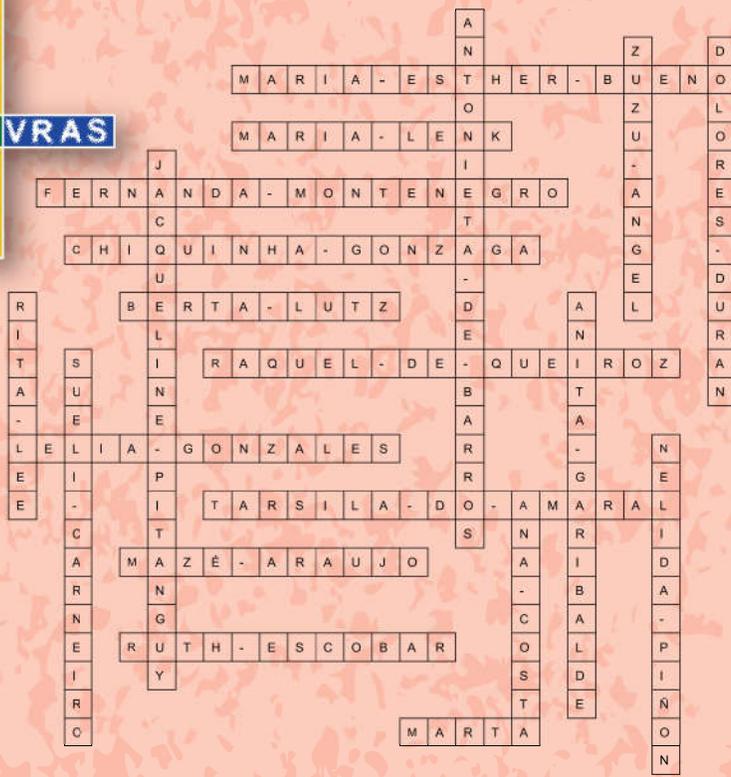
**1. Olympe de Gouges**

- 2. Abigail Adams
- 3. Assembleia Nacional Constituinte de 1891

**2. Você conhece as seguintes obras das feministas brasileiras pós Ano Internacional da Mulher?**

- 3 – Rosiska Darcy de Oliveira / 5 – Rose Marie Muraro
- 4 – Elisabeth Souza Lobo / 1 – Heleieth Safiotti
- 2 – Branca Moreira Alves

3. C | 4. B | 5. B



## CARTA ENIGMÁTICA

Quem ama  
não mata,  
não humilha  
e não maltrata.

REDE  
**Feminista**  
DE SAÚDE  
REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE  
DIREITOS SEXUAIS E DIREITOS REPRODUTIVOS

Secretaria Executiva  
Secretária Executiva  
**Clair Castilhos Coelho**  
Secretária Adjunta  
Sheila Sabag

Regionais Estaduais  
Rio Grande do Sul  
Télia Negrão  
Rosmari Castilhos  
Santa Catarina  
Vera Lúcia Fermiano  
Raquel Felau Guisoni

Paraná  
Elaine Galvão  
Alaerte Leandro Martins  
São Paulo  
Elaine Kalmus (representante)

Rio de Janeiro  
Maria do Espírito Santo (Santinha) Tavares dos Santos  
Gleydi Selma da Hora

Minas Gerais  
Maria Dirlene Trindade Marques  
Eliete de Paula

Distrito Federal  
Rayane Noronha Oliveira  
Fabiana Paranhos

Bahia  
Maria José de Oliveira Araújo  
Lilian Fatima Barbosa Marinho

Pará  
Marta Giane Machado Torres  
Mato Grosso  
Angelita Toledo (representante)



Ah... então sou  
**feminista!**



Rua Hans Staden, 21  
Botafogo - Rio de Janeiro/RJ  
CEP 22281-060  
Fone +55 21 2286.1046  
www.fundosocialelas.org



Rua Manoel de Oliveira Ramos, 43/110  
Estreito - Florianópolis/SC  
CEP 88075-120  
Fone +55 48 3025-4998  
redefeminista@gmail.com



Rua Dom Joaquim, 757/8  
Centro - Florianópolis/SC  
CEP 88015-310  
Fone +55 48 3223 8010  
casamulhercatarina@gmail.com



Uma publicação da campanha  
**Ah... então sou feminista!**

Coordenação geral, projeto editorial e pesquisa  
**Clair Castilhos Coelho**

Projeto gráfico e diagramação  
**Luciano Laner**  
Mario Guerreiro (colaboração)

Produção  
**Sheila Sabag**

Fotografias  
**Clarissa Peixoto**  
**Leticia Castilhos Coelho**

Revisão  
**Madalena Guilhon**  
**Paula Guimarães**

Colaboração  
Mirtes Piovesan, Maria Dirlene Trindade  
Marques, Neusa Dias e Gilda Cabral

